



Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

Introdução à Leitura da Bíblia

Milton Schwantes

Paulo Roberto Garcia

Jane Falconi F. Vaz

Roberto E. Zwetsch

MOSAICOS DA BÍBLIA

9

Sumário

Apresentação	3
A Bíblia: uma escola de esperança - Meditação sobre Romanos 8,18-25 Roberto E. Zwetsch	5
"Debaixo da macieira..." - Nossa vida - nossa Bíblia, à luz de Cantares 8,5-14 Milton Schwantes	9
Era um menino - A experiência faz a diferença Milton Schwantes	17
Uma porta de entrada - Leitura comunitária de João 9 Paulo Roberto Garcia	27
"Iguais em poder e glória..." - Leitura bíblica na ótica feminina, à luz de Gênesis1-2 Jane Falconi F. Vaz	37
Painel	42
Respeitando uma cultura própria - Leitura bíblica e povos indígenas Roberto E. Zwetsch	49
"Da argila, à nossa expressão - oração" - Relatório da Celebração final do Encontro Jane Falconi F. Vaz	57

Apresentação

Este número do **Mosaicos da Bíblia** - "Introdução à Leitura da Bíblia" - é fruto de um Encontro com um grupo de Jovens Batistas. O mesmo ocorreu na Fazenda da Serra, em Itatiaia/RJ, de 23 a 25 de outubro de 1992. Foi promovido pelo Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

Ao programarmos este Encontro, decidimos não permanecer no debate hermenêutico genérico, mas sempre aplicado a textos bíblicos. Aqui reunimos, pois, abordagens hermenêuticas aplicadas a textos selecionados.

Não pretendíamos introduzir a todos os enfoques hermenêuticos, mas só a alguns. Outros deixamos de lado, como por exemplo a "leitura judaica", a "leitura sociológica".

Tais enfoques ficam para um próximo Encontro ou seminário.

Leia, estude, sempre pensando e sentindo a realidade à nossa volta!

Na Bíblia, na vida.

Milton Schwantes

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o (a) autor (a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva ao Setor de Distribuição do CEDI.

Edição e Revisão:	Milton Schwantes Jane Falconi F. Vaz José Adriano Filho
Transcrição de Fitas:	Cibele R. Guimarães
Digitação:	Jane Falconi F. Vaz
Editoração Eletrônica:	Maria Cristina Ricardo

São Paulo, março de 1993

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis, 983 - 01238-001 São Paulo SP - Brasil
Fone: (011) 825-5544 — Fax: (011) 825-7861
Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Brasil
Fone: (021) 224-6713

A Bíblia: uma escola de esperança

Meditação sobre Romanos 8,18-25

Roberto E. Zwetsch

Leitura do texto.

- 18 *Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós.*
- 19 *Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus.*
- 20 *De fato, a criação foi submetida à vaidade - não por seu querer, mas por vontade, daquele que a submeteu - na esperança*
- 21 *de ela também ser libertada da escravidão, da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus.*
- 22 *Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente.*
- 23 *E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo.*
- 24 *Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê?*
- 25 *E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.*

Este texto é muito rico. E agora no momento de ouvi-lo mais uma vez, já me vem logo a imagem de uma mulher no parto, esperando a coisa mais bela que a mulher coloca na vida, que é a própria vida. Nessa meditação quero chamar a atenção para este esperar. Foi por isso que na apresentação que tivemos no início desse Encontro, falei da palavra esperança como uma palavra que diz algo de mim e algo que eu muito desejo.

Parafraçando um dito muito conhecido, afirmo que “Esperar é preciso”, assim como hoje é urgente reafirmar que viver também é preciso!

Imagino que nossa vida, nos dias de hoje, muito tumultuados, está marcada por grandes incertezas. Vivemos no meio dessa tensão: entre o esperar é preciso e o viver que também é preciso.

Acredito que nossas comunidades cristãs, de sul a norte, e com toda a sua debilidade, têm uma contribuição a dar nesse momento que a gente vive no país. Uma contribuição no sentido de construir esperança, para resgatar e fazer surgir esperança em meio à desesperança. E isto no meio da nossa gente.

Trata-se de uma esperança que não seja vazia, mas substantiva, que tenha sentido, que não se descole da realidade, mas que a partir da realidade nos projete a um futuro diferente desse que hoje vivemos. Um futuro que traga dignidade e seja marcado por solidariedade contra o egoísmo imperante.

Nesse sentido, penso que o texto do apóstolo Paulo é muito rico e atual. A gente agora não vai fazer exegese. Vamos simplesmente reler o texto sob este enfoque da esperança: o texto nos fala de uma realidade total, de uma realidade cósmica. Isso significa que para nós cristãos, a expectativa que nos mobiliza, que nos provoca fé não diz respeito apenas a nós nem apenas aos seres humanos. A nossa expectativa é muito maior, ela tem a ver com a libertação do universo inteiro. Isso é importante demais. É a partir desse enfoque que proponho relermos o texto. A gente pode ver então que um texto do primeiro século já trata da ecologia com muita propriedade. Isso se pode perceber sem grandes exegeses. E ainda que não seja esta a imediata intenção de Paulo, ele acaba sugerindo uma ecologia da libertação, que diga respeito ao cosmos, à natureza e à humanidade toda.

Gostaria de concentrar, entretanto, a meditação nos versículos 24 e 25, que passo a ler na tradução da Bíblia de Jerusalém:

“Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos”.

Vou fazer três colocações a propósito desses versículos.

Primeiro - A esperança da qual falamos, como cristãos, tem um conteúdo utópico. Nós esperamos o que não vemos. Nós buscamos aquilo que não está escrito, aquilo que ainda é objeto de realização, que nem olhos viram nem ouvidos ouviram. Não queremos nada menos do que o futuro. Qual a imagem que a Bíblia nos traz para designar tal esperança? O Novo Testamento fala do Reino de Deus. A primeira pregação de Jesus tem por conteúdo a chegada do Reino de Deus. A nossa esperança aguarda com certa ansiedade nada menos que este Reino. Jesus, com sua característica linguagem muito rica em imagens, muito popular, fala desse Reino como uma grande festa onde o anfitrião convida as pessoas que lhe são caras para compartilhar com ele dessa festa. O anfitrião é o próprio Deus e ele convida primeiro os mais conhecidos, os mais próximos. Mas estes não aceitam o convite. Praticamente se desconvidam. Então o anfitrião diz aos seus auxiliares: “Busquem os estropiados, os pobres, os andarilhos, pois é com esses que eu quero celebrar a festa”. Na Bíblia, no Novo Testamento, o Reino de Deus começa com gente “desqualificada”, com gente que não merecia estar no Reino de Deus, segundo os padrões da tradição dominante. Precisamos estar muito atentos a isso, porque o conteúdo da nossa esperança, a meu ver, precisa estar vinculado a esse tipo de gente, precisa estar calcado na vida dessas pessoas, desses infelizes homens, mulheres e crianças que andam meio perdidos, na desilusão, mas que ainda anseiam por mudança, por transformação, pela sua própria realização como seres humanos. Pessoas que mantêm uma chama de esperança. Nós muitas vezes não entendemos e nem sabemos como essas pessoas, que se encontram no fundo do poço da vida, conseguem guardar uma chama de esperança que é contra toda esperança, contra tudo aquilo que a realidade diz que não vai acontecer. Então, este seria o conteúdo utópico da esperança.

Segundo - Existe o ditado também muito conhecido que diz que “a esperança é a última que morre”. Sem a esperança a nossa vida fica vazia, a gente não vê perspectiva pela frente, e na verdade nem conseguiríamos mirar o horizonte. A gente ficaria metido com os olhos e com o coração, com toda a nossa preocupação na realidade que em grande parte escapa das nossas mãos. Isso causaria muito sofrimento e poderíamos acabar num beco sem saída, na desilusão. A esperança existe para que a gente possa suportar tudo isso e possa fazer dessa revolta reprimida alguma coisa com sentido novo. Essa é a esperança contra toda esperança, que é firme e inabalável, porque é a última que morre.

Milton escreveu outro dia um texto no qual afirma que “no mundo de hoje, as nossas comunidades cristãs são o berço da esperança”. A comunidade de Cristo Jesus deveria ser o berço dessa

esperança utópica e isso é possível porque tal esperança é uma esperança teimosa, que não se deixa vencer pelo acúmulo dos problemas e das desgraças que nos cercam todos os dias. O fiador dessa esperança é o próprio Espírito de Cristo, Espírito consolador e criador, que não nos abandona e nos fortalece na esperança.

É preciso que a gente tenha esse sentido da esperança, esse sentido de olhar com fé o futuro que se nos abre, porque no horizonte da nossa vida, da nossa história humana, existem palavras novas de vida e salvação. A Palavra da Vida nas palavras encarnadas da felicidade e da paz, da justiça e da liberdade. Essas palavras, nós as precisamos encarnar, fazê-las nossas companheiras, torná-las presentes e oportunas nesse nosso mundo dividido e cruel. Tudo isto me parece coerente com o evangelho de Jesus, o evangelho do Reino.

Uma outra característica dessas comunidades cristãs, se forem comunidades de base mesmo, tanto melhor, é que este sonho, para usar uma palavra que aqui foi dita, não é um sonho de indivíduos, exclusivamente, ainda que muito bem intencionados. A nossa esperança é válida, é verdadeira porque é uma esperança comunitária. Nós não esperamos sozinhos, porque a gente sabe que sozinhos somos fracos e nos entregamos facilmente. Na verdade, somos parte de um povo de gente esperançosa e isto é uma força que ninguém nos pode tirar.

Terceiro - Quero chamar a atenção para a perseverança. Esta tem a ver com a teimosia. Numa caminhada utópica em busca do Reino de Deus, aprendemos a ser teimosos, como aquela mulher diante do juiz que não a quis receber. Aprendemos também a ser teimosamente fiéis a este Reino, que pede direito, que exige justiça, que clama por paz, que é para todos. Essa é uma característica dos discípulos de Jesus. Aprendemos do próprio Jesus a optar e ir até o fim. A comunidade cristã, para completar, seria como uma escola de esperança, onde existe um só mestre, mas um mestre que é servo de todos e que nos torna, pela fé nele, co-irmãs e co-irmãos, solidárias e solidários com todos aqueles e aquelas que aparentemente perderam a esperança. Por isso eu repito o que falei no início: "Esperar é preciso. Viver também é preciso".

Seguiu-se uma oração formulada por uma pessoa do grupo.

Seu conteúdo era mais ou menos o seguinte:

"Deus da Vida, ajuda-nos a ler a Bíblia desse jeito. Abre-nos os corações para a esperança que está em tuas palavras. Sozinhos estamos sem nenhuma esperança. Faze-nos esperar juntos, com a Bíblia na mão. Amém.

Roberto E. Zwetsch é pastor luterano, mestrando em Missiologia, na Faculdade Nossa Senhora de Assunção, em São Paulo, e integrou até dezembro de 1992 o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

Endereço: A/C. Escola Superior de Teologia
Caixa Postal, 14
93001-970 São Leopoldo RS

“Debaixo da macieira...”

Nossa vida - nossa Bíblia, à luz de Cantares 8,5-14

Milton Schwantes

Pela força do Espírito

Cantares, um livro cheio de segredos! Uma destas partes da Bíblia que pouco se lê, mas muito promete. Guarda segredos. Bem que se sabe que Cantares é uma delícia. Mas, ao mesmo tempo, a gente evita ler estes capítulos. Fica proibido. Ninguém o diz, assim claramente. Afinal, Cantares está na Bíblia! E quem já haveria de querer ir contra as Escrituras? Ninguém! Mas, mesmo sem ir contra, por aí, nas comunidades, vai se contornando Cantares. Suprime-se. Esconde-se.

É que não cabe bem no tipo de igreja que temos constituído. Fica um tanto na contra-mão, já que nos colocamos a caminho de uma prática da fé para nossos dias.

Nesta inquietação que nos vai pelo coração por um testemunho fiel a Jesus, por uma oração na força do Espírito que tudo ilumina e renova, Cantares vem bem. É que nos ajuda no amor à Escritura, à qual Cantares pertence, não por acaso e nem por acidente. A ela pertence pela força do Espírito.

Pela mão de uma tradução

Vamos a um texto de Cantares pela mão de uma tradução. É que a gente sempre ‘lê’ a Bíblia pela ‘mão’ de alguém. A gente não chega a ‘ler’ a Bíblia assim sem a ‘mão’ de alguém. Então, não há que temer as ‘mãos’. Tema antes quem lhe diz que lê a Bíblia sem ‘mão’, como se ele fosse a Bíblia, como se sua ‘mão’ fosse de ferro e aço, como se nem ‘mão’ fosse, como se tudo soubesse. Não! Tome a liberdade de ir por suas ‘mãos’, de outras, de outros, ouvindo e dizendo, compartilhando e praticando. Desse jeito, com ‘mãos’ e ‘pés’ há de entender. É que o Espírito faz brilhar as letras por tais ‘mãos’, frágeis, como são as de nosso querido Almeida.

Sim, são frágeis essas ‘mãos’ da tradução do Almeida. Tem os meneios de seus tempos, antigos, como sabemos. Um português cerimonioso a nossos ouvidos. Umas idéias que já não são nossas. São queridas essas palavras, também cheias das idéias de seus tempos.

Veja um exemplo, pois são comparações que nos facilitam captar. Nosso Almeida, no capítulo 8, que é o que queremos ver mais de perto, vai distribuindo os versículos, como se estivéssemos em algum cerimonial de casamento, ao ‘esposo’, à ‘esposa’ e ao ‘coro’. As intenções terão sido as melhores neste proceder. Mas nada tem a ver com esta poesia do capítulo 8 de Cantares. Ela não era usada em cerimoniais de casamento e, se ler todo Cantares, verá que nem se adapta ao ritual matrimonial. Aliás, o matrimônio justamente é um dos problemas para o livro todo.

Sim, boa foi a intenção de nossos editores da Bíblia-Almeida em colocar títulos, pois nos orientam. Mas também atrapalham muito, às vezes até demais. É que vêm carregados com manias sociais em uso, com coisas tidas por ‘normais’, que porém podem nem estar nas intenções do texto.

Não há como fugir: Vai-se à Bíblia por 'mãos' de outros, mas redescobrir a Bíblia é também re-inventar as 'mãos', é pôr os pés em novas direções. Realmente não dá para ser de outro jeito. Bíblia lê-se espiritualmente. Porém, cuidado, nas Escrituras o 'Espírito' (a *ruah* - feminino, olha lá!) não têm formas gregas, não paira solto pelos arcos celestes, mas está aí em meio à história, à vida, ao concreto. Também a *ruah*/ Espírito se fez carne.

Por isso, digo, leia com as 'mãos', os 'pés', o 'coração', o 'desejo', que equivale a dizer com a 'alma', porque no hebraico a 'alma' está pertinho do desejo.

Mas, vamos indo ao texto. A conversa sempre é boa. Mas o texto é que é o mais delicioso. É a sobremesa da qual você faz o aperitivo.

Separando

Você pode ler a Bíblia, assim como quem se deixa molhar pela água da chuva, despreocupadamente. Por que não? É bom.

Mas, nós, aqui neste Encontro também procuramos 'ver', buscamos entender. Não, não há nada de mal em valer-se do entender, se bem que ele não seja tudo. Porque de tanto 'entender' e calcular resultou que produziram uma pobreza que já não suporta nem mesmo quem se fez rico. Há tais problemas com o 'entender', mas nem por isso podemos dispensá-lo.

Para 'ver' melhor, é bom ir por partes. Quando a água é muita, pode nem dar para beber um copo. Por isso, vamos por partes, de copo em copo, neste capítulo 8.

Ele dá uns tantos 'copos'. Cinco ao todo. São estes: versículos 1-4, versículos 5-7, versículos 8-10, versículos 11-12, versículos 13-14. É como se estas partes fossem estrofes de um poema. A primeira estrofe, em verdade, é parte de um grande poema que vem desde o capítulo 5 (começando em 5,9), por isso aqui não daremos atenção maior aos versículos 1-4. Permanecem, pois, quatro partes, quatro 'copos'.

E a eles estará voltada nossa atenção: aos versículos 5-7, versículos 8-10, versículos 11-12, versículos 13-14. No geral, estas são as divisões que se propõem para nosso capítulo 8, a magistral conclusão do Canto dos Cantos.

"Debaixo da macieira"

Bonitas palavras são ditas e brotam debaixo das macieiras. Versos arrebatadores. Abre-se um novo mundo, justamente aí em meio ao arvoredo:

5 *Quem é esta que sobe do deserto,
e vem encostada ao seu amado?
Debaixo da macieira te despertei;
ali estive tua mãe com dores;
ali estive com dores aquela que
te deu à luz.*

6 *Põe-me como selo sobre o teu coração,
como selo sobre o teu braço.
Pois, o amor é forte como a morte;
a paixão é resistente como o Seol;
a sua chama é chama de fogo,
verdadeira labareda de Javé.*

7 *As muitas águas não podem apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.
Se alguém oferecesse todos os
bens de sua casa pelo amor,
seria de todo desprezado.*

A que vem do deserto é ela! Sim, é ela! O texto não deixa dúvidas a respeito: “Quem é *esta* que sobe do deserto?”

Isso é bem claro. Mas é também avassalador! Pois, basta que a gente se lembre do sentido desta figura: Vir do deserto! Ora, na história de Israel, o povo inteiro veio do deserto. Sua história o tem como berço. Vir do deserto, é vir das profundas raízes populares. De lá vem o que é bom, o que tem futuro. Deserto é, pois, um espaço pleno, carregado das forças da bela história de Israel.

Em especial em Cantares, o deserto é um lugar cheio de sentido. É a reserva de todas as memórias e esperanças. O livro termina com o convite: Vem, faze-te gazela! Vem ao deserto! Do deserto vem os desejos, as esperanças! De lá é que ela vem!

O que segue, é fruto dessa origem, dessas raízes no deserto! Desde este ambiente messiânico, que tem no deserto o seu berço, ela vem encostada nele, no amado, no amigo, para o encontro na macieira.

Do deserto se vem, para lá se foge em Cantares. Mas o encontro mesmo, o lugarzinho do amor é debaixo da macieira. Aliás, as mães já o sabiam. A mãe do amado já o sabia: “ali esteve tua mãe com dores”, com dores de parto e de amores. É longa tradição. Coisa de mãe para filha: Espaço de amor é em meio ao arvoredo.

Por entre as folhas, debaixo das árvores se situa a ‘casa do amor’. Na casa mesmo, naquela outra, aquela casa de verdade, ali não se dá o amor, em Cantares. Lá mora o perigo, lá estão as ameaças. Lá estão os ‘irmãos’, sempre dispostos a extorquir e a vender suas irmãs. Não, a casa de verdade não é espaço de amor. Este tem nas macieiras seu ambiente.

Por isso, Cantares não decanta o casamento, por mais belo que esse possa ser. Ele decanta o encontro nas macieiras. Quem não percebe esse ‘detalhezinho’, não capta o encanto de Cantares.

Mas este só é o começo das surpresas. Pois, responda-me, agora: Quem fala este poema? Afinal, nossas estrofes são fala dele ou dela?

Gente, são fala dela!

No hebraico, não há grande dúvida sobre este novo ‘pormenor’: O ‘tu’ do versículo 5 é um masculino. Logo, quem fala é um feminino, é ela.

Que surpresa! Estes versículos 5-7 são palavras de mulher. E, olha lá, estes versículos são justamente o que há de mais bonito, denso, forte, inspirado, no livro todo. Nos versículos 5-7, Cantares chega a seu êxtase. E nele a mulher toma a palavra!

Aliás, no restante dos poemas de Cantares, na maioria dos versículos temos palavras de mulher. Por aí se vê que os antigos já ‘acertaram na mosca’, quando diziam que Cantares era especialmente inspirado. Maravilha!

Mas, enfim, o que ela diz?

A que vem ‘encostada’ deseja ficar bem encostada, bem pertinho, em amor bem coladinho. É o que ela diz lá com suas palavras: Quer ser selo sobre o coração dele.

Isso de estar assim ‘encostadinho’ celebra o amor como cerne da vida. É o que dá gosto a tudo. Pois, ‘amor’ e ‘paixão’ têm os poderes que, de resto, só mesmo a morte e a sepultura têm. Paixão enfrenta caixão! Atenção, este é um dom da paixão, não do ‘ciúme’, como a tradução de Almeida,

num desses lances de rara infelicidade, nos quer fazer crer: Não, Cantares não trata do ciúme, mas da paixão.

'Amor' e 'paixão' são, pois, plenamente positivos. São os que têm dons de enfrentar morte e caixão. Sim, são até de Deus. São 'brasas' e 'labaredas' 'de Javé'!

Você também poderia traduzir esta expressão "labaredas de Javé" por "veementes labaredas". Poder pode. Mas, por que? Muito mais evidente é traduzir 'ao pé da letra'. E literalmente amor e paixão, isso de estar encostadinho e aos beijinhos, são fogo de Deus.

Poucas vezes Cantares se refere expressamente a Deus. Aqui, no final do livro, põe ênfase em entrelaçar paixão e ação de Deus.

Nisso não há nada de extraordinário para a Bíblia, pois nela a sexualidade é obra do Criador. Não é feia e nem necessita de repressão, como veio a ocorrer na tradição cristã, dominada pela cultura grega.

Em Cantares, paixão e Javé têm boa amizade. Fazem parceria! A criação se renova na paixão.

Paixão a tal ponto é criativa, tanto inventa e faz que até enfrenta o próprio caos. As águas do caos não são capazes de destruí-la.

Morte, caixão, águas têm, no finalzinho destes nossos versículos, um estranho parceiro. Até parece ser seu chefe. O dinheiro, a grana, é seu parceiro. Desprezível é quem se põe a querer comprar o amor! Estamos num contexto, em que casamente era negócio. Era algo semelhante a compra e venda. Cada mulher tinha lá seu preço, em ouro ou seja lá o que fosse. E uma vez que estivesse assim vendida, passava do domínio do pai e dos irmãos para o do marido.

Ora, Cantares designa essas 'negociações' com mulher de: coisa desprezível! Não é por acaso que nossos versículos sejam palavras de mulher. Versos de muita paixão - e que paixão! - e de muita luta. Luta frontal contra o sistema de escravidão matrimonial!

"Sou uma muralha!"

É o que a nova estrofe continua a explicar (versículos 8-10). É o que bebemos no próximo 'copo'.

É desprezível comprar o amor! Os versículos 8-10 celebram a resistência contra esta 'compra-e-venda' da paixão:

- 8 *Temos uma irmãzinha,
que ainda não tem seios.
Que faremos por nossa irmã,
no dia em que ela for pedida
em casamento?*
- 9 *Se ela for um muro,
edificaremos sobre ela uma
torre de prata;
e se ela for uma porta,
cercá-la-emos com tábuas de cedro.*
- 10 *Eu sou um muro,
e os meus seios são como as
suas torres;
aos seus olhos, porém sou
aquela que faz paz.*

Agora não estamos debaixo da macieira. Estamos noutra casa, naquela de verdade. E lá os irmãos têm o controle. Mandam e desmandam.

Nessa casa, tudo tem seu preço. Em especial, as 'irmãzinhas' têm seu custo. E o controle sobre este preço, está nas mãos dos irmãos. Entre si ensaiam a futura 'transação' matrimonial.

O valor é 'calculado' de acordo aos seios e à força. O que vale na 'irmãzinha', é a sexualidade e sua força de trabalho, são seus 'seios' e sua 'muralha'/força.

É óbvio: Este jeito de se referir à mulher não é nada delicado. A linguagem não é rebuscada. Não joga sutilmente com as palavras, dizendo uma coisa e pensando noutra. Esta linguagem sobre o valor da mulher tomando por base seus 'seios' e sua 'muralha'/força chama tudo pelo seu devido nome. Não enfeita, para provocar.

É palavra de mulher. É palavra de quem está sendo comprada e vendida. Por isso não enfeita e nem esconde. Quer chocar! Provoca! Mostra o absurdo disso que é tão desprezível: Comprar a paixão!

E a resposta da 'irmãzinha' a seus 'irmãozões', refiro-me ao versículo 10, é realmente um encanto de rebeldia: 'Sim, sou forte, sou muralha. E meus seios têm valor. Mas, não estão à venda. São para o amado amigo. São para a paz.'

'Paz' neste caso há de equivaler ao bem-estar, à vida boa, aprazível, plena. Significados assim multiformes têm este termo na Bíblia.

E assim Cantares revela-se como canto da paixão e da rebeldia: Encostadinha no amado, mas de costas para estes irmãos que estão estabelecendo o preço da tão 'querida' irmãzinha.

É, Cantares é mesmo livro inspirado!

Fica com tua vinha que eu cá fico com a minha

Víamos o quanto os versículos 8-10 davam continuidade ao final do versículo 7. Lá se denunciava quão desprezível é comprar e vender a paixão, esta labareda de Deus. E cá os versículos 8-10 foram concretizando o sentido deste caráter desprezível atribuído ao acontecimento do amor amarrado aos interesses comerciais dos 'irmãos'.

Ora, os versículos 11-12 se situam na mesma linha. Mas, dão um novo passo. Neles a crítica é estendida ao famoso rei Salomão, tido como um grandioso imperador na memória da gente. E justamente ele recebe palavras de duras críticas da mulher, que continua a falar também nestes nossos versículos.

11 *Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom.
Entregou-a a uns guardas,
e cada um lhe trazia pelo seu fruto
mil peças de prata.*

12 *A vinha que me pertence está ao meu dispor.
Tu, ó Salomão, terás os mil siclos,
e os que guardam o fruto dela, duzentos.*

Salomão é criticado. Isso também se dá em outras partes de Cantares, se bem que em outras ele é enaltecido, em perspectiva messiânica. Contudo, não é o que se passa aqui. Nossos dois versículos são críticos.

Salomão tem suas produções de vinho. Manobra seus meieiros e seus guardas. Com eles faz suas transações. Recebe seus tributos. Cobra-os, pois governar é tributar a 'vinha'.

Essa exploração tributária acontece em Baal-Hamom. Lá está a vinha. Ou melhor esta é a 'vinha'. Ora, não parece que este lugar tenha existido de fato. É mais um lugar imaginado. Nele o mais importante parece ser o nome: Baal-Hamom. Bem que poderia ser traduzido por Baal da Confusão, um deus que cria baderna. Salomão criou baderna na 'vinha', em Israel, com suas negociações, seus tributos, seus comércios.

Comprou mulheres. Formou um harém de muitas mulheres compradas. Em seu Baal da Confusão fez o que é desprezível: Submeter a paixão ao ouro!

Por isso, a cantora nem quer saber deste Salomão. Os siclos para ele, mas a 'vinha que me pertence', 'minha vinha', minha sexualidade não está à venda por siclos. É minha, diz a cantora de Cantares!

'Salomões' e 'irmãos', bons sócios é o que são. Vendem irmãs, compram mulheres. Formam haréns.

Diante deles, a mulher afirma: A vinha é minha!

Palavra do Espírito, da *ruah* é esta. Você não acha? São palavras milagrosas que se erguem em meio à escuridão dos 'salomões', pequenos e grandes, para se pôr a caminho da liberdade. Uma liberdade que não é para alguns poucos, mas liberdade para quem está mais pisado.

Bom caminho, este. Não lhe parece? É caminho do Espírito, da *ruah*.

“Foge logo!”

A paixão debaixo da macieira já não pode submeter-se às mortes produzidas por 'irmãos' e 'salomões'. Por isso: Rumo ao deserto! Foge logo!

A magia está neste deserto. Lá o povo encontrou seu rumo. Formou-se para a história. Teve suas grandes venturas.

Por isso: Foge pra lá. Essa é a terra dos perfumes, a casa da liberdade!

13 *Ó tu, que habitas nos jardins,
os companheiros estão atentos para ouvir tua voz;
faze-me, pois, também ouvi-la.*

14 *Foge depressa, amado meu,
faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela
que saltam sobre os montes aromáticos.*

Esta palavra final é palavra de mulher. Chama para a liberdade.

Inesperado?

A gente talvez não esperasse perspectivas deste tipo em nossa Bíblia. É que a gente faz de conta que já a conhecia. Está enquadrada, e bota enquadrada nisso!

Enquadrada, por fim acaba falando quadrado. Assim às vezes é nossa querida Bíblia, livro de histórias tão maravilhosas, tão surpreendentes.

Só que não tem jeito. Ela não se submete ao 'quadrado'. Ela estraga a festa.

Que tal: Vamos à festa desta vida pela 'mão' da Bíblia? Destas histórias que testemunham a respeito da escandalosa presença de Deus em nossas vidas?

Conversemos sobre essas coisas...

Seguindo caminho

Se puder continuar na leitura de Cantares, então observe que este livro está dividido em poemas. São cinco grandes subdivisões. Em nosso estudo acima nos aproximamos de uma delas, a última, aquela que resume o livro e o projeta para frente (8,5-14). Os outros poemas são: 1,1 - 2,7; 2,8 - 3,5; 3,6 - 5,8; 5,9 - 8,4. Cada poema destes pode ser focado em uma ou mais reuniões do grupo bíblico.

Ultimamente têm surgido muitos escritos sobre Cantares. Menciono um que poderá ajudar no aprofundamento dos conteúdos encantadores e surpreendentes de Cantares: E.M.Balancin e I.Storniolo. *Como ler Cântico dos Cânticos - O amor é uma farsa de Deus*. Edições Paulinas, São Paulo, 1991. 52p.

Milton Schwantes é professor no Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião em São Bernardo do Campo, biblista, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB e assessor do Programa de Pastoral do CEDI.

Endereço: Rua Faria de Lemos, 84
07094-200 Guarulhos SP
tel. e fax (011) 968.0169

Era um menino

A experiência faz a diferença

Milton Schwantes

A Bíblia se lê pela experiência. Não estou dizendo que tem que ser assim. É assim. Pois, lemos as Escrituras como pessoas com uma história específica, em uma cultura determinada. Não há outro jeito. Afinal, somos gente, não 'anjos'.

Os profetas faziam questão de situar suas palavras. Diziam-nas a pessoas específicas, em contextos concretos, de um jeito cultural peculiar. Entremos, pois, na 'escola' profética da leitura bíblica.

Escolho Oséias, justamente porque ele sabe aproximar-se da cultura. Olha para as coisas da vida diária.

Oséias - uma beleza de profecia

Oséias está cheio de palavras novas. De frase em frase se vai de surpresa em surpresa.

É possível que numa primeira leitura nem o perceba. Talvez nem se dê conta dos relâmpagos que aí explodem. E isso nem é de estranhar. Afinal, está diante de um texto que já tem quase três mil anos. É muito tempo!

Quando pergunta à sua mãe: "Por que esta minha tia tem este jeito triste?", em geral a resposta é uma longa história: "Olha, minha filha, isso vem de longe. Aconteceu, quando éramos..." E assim segue a história. A explicação leva tempo.

E, olha lá, a Bíblia é um bocado mais antiga que a idade de sua tia. Precisa de certas explicações. Mas, logo que as receba, já entende. Ainda que a Bíblia tenha muitos anos nas costas, está aí junto de você, se parece à sua tia: Já de mais idade, mas sempre interessante.

Permita-me, pois, apresentar-lhe Oséias 11.

Meditação e poesia

Este capítulo leva mais jeito de uma meditação. Não se parece tanto a uma fala pública. Normalmente, os textos proféticos surgiam da seguinte maneira: O profeta falava e atuava em público e, depois, sua palavra e ação públicas resultavam em um texto. Também há indícios disso no capítulo 11. Por exemplo, o versículo 8 está dirigido a um "tu": "Como poderia abandonar-te, ó Efraim?" Parece que o profeta está de olho posto em alguém, neste "tu", interpelando-o.

Mas, no geral, o capítulo fala de um "ele" ou "eles", que no caso, são "Efraim" e "Israel". O texto se refere a "ele"/"eles", se bem que estes nem estejam aí, presentes. Aí se vê que o texto é, de fato, mais meditativo. Reflete sobre passado e futuro do "ele", do 'menino que amei', do povo.

A tradução fica assim:

- 1 *Quando Israel era menino, eu o amei.
E do Egito chamei meu filho.*
- 2 *Quando os chamei, se afastaram de mim;
aos baalins sacrificaram,
e aos ídolos queimaram incenso.*
- 3 *Mas fui eu mesmo que ensinei Efraim a andar.
Tomei-os em meus braços.
Mas não compreenderam que eu os curava.*
- 4 *Com cordas humanas os atraía,
com laços de amor:
E era para eles como quem ergue uma criança ao rosto,
enclinava-me a ela,
alimentava-a.*
- 5 *Retornará à terra do Egito.
A Assíria será seu rei,
pois se recusaram a converter-se.*
- 6 *E a espada devastará em suas cidades,
Aniquilará e o destruirá.
E devorará por causa de seus planos.*
- 7 *E meu povo está preso em sua apostasia:
Para o Alto clamam, mas (este) jamais os erguerá.*
- 8 *Como haveria de abandonar-te, Efraim?
entregar-te, Israel?
Como haveria de abandonar-te como Admá?
tratar-te como Seboim?
Meu coração se contorce dentro de mim!
Minha compaixão se comove!*
- 9 *Não realizarei o ardor de minha ira!
Não voltarei a destruir Efraim!
Pois, eu sou Deus e não homem,
em meio de ti santo e não virei com furor.*
- 10 *Caminharão atrás de Javé.
Como leão rugirá.
Sim, ele rugirá.
E tremendo virão os filhos do mar (ocidente).*
- 11 *Tremendo virão como pássaros do Egito,
e como pombas da terra da Assíria.
E os farei morar em suas casas,
Dito de Javé!*

É uma meditação do jeito da poesia. Procurei apresentar a tradução de modo a se perceber algo deste ritmo poético.

Digo 'procurei', porque a poesia hebraica difere bastante da nossa. Naqueles tempos se tinha gosto poético diferente ao nosso. Mas de toda forma, aí temos poesia, meditação poética.

A profecia, no geral, é poesia. Encanta a gente com o novo. E pra um bom encanto, convém uma bela poesia. Assim também, Oséias 11.

Numa hora especial

Não é qualquer hora que transforma meditação em poesia, que dá rima a idéias. Poesia não se ajusta a um conteúdo qualquer. Ora, veja, não faria sentido esperar poesia da boca de general, rima da meditação de opressor.

Poesia busca o novo, o que liberta. Por isso, opressores sempre andaram em perseguição aos poetas. Seu lance é especial.

E o momento de nosso profeta Oséias, de fato, era bem especial. Afinal, 500 anos de história chegavam a seu fim dramático, catastrófico. Toda uma experiência de séculos estava a perigo.

Com Oséias 11 estamos por volta de 725 a.C., em Israel (no norte). A invasão assíria já fizera suas vítimas. Em 732 a.C., parte do povo do norte, de Israel fora deportado. Alguns territórios tinham sido feitos províncias assírias.

E os reis de Israel continuam a portar-se como dantes, oprimindo seu próprio povo, 'derramando sangue sobre sangue' na linguagem de Oséias 4,2. E além de maltratarem seus súditos camponeses, fomentavam práticas religiosas alienantes. Idolatria e injustiça andavam de mãos dadas sob a conduta dos reis.

Estes reis nacionais de Israel e a avalanche invasora dos assírios punham o povo por terra, destroçavam a vida. Uma história de praticamente 500 anos era ceifada. Era esmagada pelas botas assírias e pela corrupção dos reis israelitas.

Há 500 anos começara um projeto novo (por volta de 1200 a.C.), lá naquelas montanhas palestinas. Hebreus, vindos do Egito, e pobres de outras tantas partes haviam-se agrupado em tribos, para fazer aparecer algo novo, uma experiência social, na qual as Raabes (Josué 2-6), os lavradores (Josué 13-19), enfim, os deserdados tivessem chance de vida.

Déboras e Gideões se ergueram na defesa das tribos, e com sucesso. Mas, por fim, os reis, estes mini-faraós, voltaram. Primeiro de mansinho, logo mostrando as garras todas, como com Salomão. Tais reis fizeram-se senhores. Ainda assim o povo soube resistir. Depunha a um e a outro. Chamam-no de espinheiro sem valor (Juízes 9,15).

Mas, quando despontaram os assírios, este império avassalador, já não havia como resistir. Eram tão totais que massacravam totalmente. Eram qual 'tempestades no deserto'.

'Lembravam um furacão' (Isaías 5,28).

E os reis nacionais, estes imbecis, ainda contribuía, com suas tontas políticas, a acelerar a ira do tal furacão. Era o fim. O povo era dissipado por entre os povos, esparramado ao Egito à Assíria (Oséias 11,5). A espada 'devastava' (11,6) ou, dizendo-o nos termos usados pelo próprio profeta, 'dançava matando' nas cidades e por toda parte.

500 anos eram varridos ao pó. Era como se tudo virasse Admá e Seboim (11,8). Ora, estas duas cidades eram seguidamente mencionadas em paralelo a Sodoma e Gomorra.

Israel e sua experiência tribal, este projeto alternativo, estava por ser feito Sodoma e Gomorra, deserto e sal.

E agora?

Nesta hora de juízo e furacões o profeta vai em busca do novo. Em poesias e meditações se lança à primavera.

Denúncia e ameaça: nenhum recuo

Contudo, não recua. Não é que, agora, as profecias anteriores deixariam de ter validade. Pelo contrário: as denúncias feitas e as ameaças previstas são reafirmadas.

A denúncia é a de que “se afastaram de mim” (11,2). Sim, “recusaram a converter-se” (versículo 5). Ao enveredarem por tais descaminhos, se foram aos baalins e aos ídolos. Esta denúncia da idolatria em nada é diminuída. Ao novo não se chega, pois, sem dar de cara com a falsidade e os enganos patrocinados por quem não respeita o povo.

E a ameaça é dura. É desapiedada até. Chega a ser irônica, sarcástica: “A espada dançará/destruirá em suas cidades” (versículo 6). Quem não for vítima da morte, será do desterro. Terá que viver no Egito e na Assíria, estas sedes da escravidão, estas ‘casas de escravos’. Pior, Efraim e Israel se parecerão a Admá e Seboim (a Sodoma e Gomorra). Portanto: nenhum recuo. A ameaça aos poderosos vale, de fato. A profecia não recua. Quem sacrifica a baalins, está cavando sua cova! Não se trata, pois, de desmentir ou recuar, mas de avançar, de partir para novos começos.

“Do Egito chamei...”

Água boa e fresquinha se busca em poço bom, antigo. É o êxodo. Eis o poço das tradições. Oséias vai a este poço de toda história libertadora de Israel. Vai às origens, aos tempos de ‘menino’. E daí lhe vem as águas boas, frescas, que dão forças para seguir andando.

Oséias é um destes em que vivem as memórias do êxodo. Sabe-se na sucessão de Moisés, o profeta que faz subir os hebreus da casa de servidão (12,14!). Promove a memória dos mandamentos que constituem espaços de libertação (4,2). Oséias é um dos mais típicos teólogos do êxodo, da libertação.

Aliás, este é o próprio núcleo das memórias das tribos do norte, de Israel. Por lá, a festa anual mais popular era a da páscoa, comemorada nas famílias. Nesta ocasião, uma vez ao ano, recordava-se toda história da libertação da opressão faraônica. Ao lembrar-se do êxodo, Oséias mostra-se bom filho de sua gente.

A libertação fora, nos tempos antigos, o próprio berço do povo. As tribos de Israel entendiam-se como descendentes daqueles que haviam resistido ao faraó, por volta de 1200 a.C. E, agora, 500 anos depois Oséias recorre à força desta mesma memória para esboçar perspectivas para o futuro.

Basicamente, nosso capítulo é água da fonte do êxodo.

Representa uma releitura desta memória.

E esta releitura é deveras criativa. Ora, vejamos.

Um menino - um filho!

A rigor, o êxodo, aquele dos tempos de Moisés, não se costumava interpretar com categorias como “menino”, “filho”.

Fala-se antes de “hebreus” e “Israel”. São estes os envolvidos na libertação. Mas, “meninos”, “filhas”...

É a intuição profética de Oséias que cria este tipo de abordagem do êxodo. Também se refere a “meninas” e “filhos” em outros capítulos. Lembro 2,1, onde fala do novo Israel nas categorias dos “filhos do Deus Vivo”. Aliás, também aí nesta expressão o termo “filho” é relacionado a Deus, como em nosso capítulo: “meu filho”, isto é “filho de Deus” (11,1).

Hoje, até estamos habituados a falar nestes termos. Mas, nos tempos de Oséias era algo novo designar Israel de “filhos de Deus”.

Pelo visto, Oséias vai criando, em sua poesia. Vai relendo o êxodo como libertação do Israel-menino. E com isso dá um passo decisivo. Pois, tudo o que segue de certo modo deriva deste primeiro passo inovador, o de haver aplicado a Israel as categorias do “menino”, da “filha”.

Feito este começo, novas paisagens se abrem.

Ensinei a caminhar - “tomei em meus braços”

Interessante: A libertação se deu no aprender a caminhar!

No aconchego do abraço. Que bonito! Que surpresa!

Digo: Bonito e surpresa, porque lá no êxodo mesmo não fala nada disso. O êxodo se torna possível depois de muita luta, muita organização. Até foi necessário armar-se para fazer frente à perseguição do faraó (Êxodo 13-14). E, depois, o próprio mar teve que abrir-se para que se pudesse passar, fugir. Não, o êxodo, aquele antigo, não foi com abraços e aprender a andar.

Mas, agora, sim! Neste recomeço, cinco séculos depois, o êxodo era desse jeito: Andando e abraçando. É mais do jeito do menino do que do de guerreiro que enfrenta de cara o próprio faraó. Já a criança se dá por contente, se aprende a andar, se recebe um aconchego.

Olhando bem, neste novo êxodo à moda de Oséias não só mudam os ‘libertados’, adultos que eram viram crianças, meninos, filhinhos. Aí por certo ocorre mudança profunda.

Muda também o ‘libertador’, Javé. Ele tem mais é jeito de mãe, que se dá o tempo pro ensino de ‘pequenas coisinhas’ como o andar. Tem feições de aconchego maternal. Não lhe parece?

“Alimentava-a”

No deserto, a questão era o alimento. Os textos do Êxodo se referem a água, maná e codornizes (Êxodo 16-18).

Na releitura de Oséias, o cenário é outro. Pois, desde o começo introduzira Israel qual “menino”, qual “filha”.

Logo, seu ‘maná’ já é outro.

É mais do jeito que a mãe amamenta seu filho. Ao menos é o que o versículo 4 dá a entender.

A bem da verdade, este versículo 4 requereria muita discussão.

Basta que você compare diferentes traduções para se dar conta das dificuldades que envolvem este versículo 4. Apesar das evidentes dificuldades para a tradução, não me parece haver muita dúvida de que neste versículo 4 efetivamente é feita referência à amamentação da criança. É o que aliás está no próprio fluxo dos versículos anteriores.

Contudo, também não me parece que o versículo queira insistir propriamente no ato de amamentar. Menciona-o, no final: “Alimentava-a”. Mas antes de chegar ao ‘alimentar’/amamentar dá ênfase bem maior e mais detalhada ao carinho e às carícias da mãe a seu filho. Puxa-o para perto de si. No caso, com “cordas” e “laços”, que, a meu ver, representam poeticamente braços e mãos. Depois leva a criança ao rosto, o que alude ao beijo. E ainda se inclina a ele, invertendo a direção: No início é a mãe que puxa, no final é a própria criança que ‘puxa’, que faz com que a mãe se incline e alimente.

Novamente não só o 'libertado' é outro, também o 'libertador' muda de fisionomia. O 'libertado' torna-se cada vez menor: No início, era menino. Depois era criancinha aprendendo a andar. Por fim, é bebê de peito. E o 'libertador' no início ainda era o que tira do Egito, mas em seguida já se parece a uma mãe dedicada a 'pequenos' cuidados. E, por fim, é mãe, dá de mamar. Que releitura de êxodo!

Sim, os assírios dominavam as estradas, os campos, as praças. Ficava até difícil celebrar o êxodo à moda antiga, com mares se abrindo e opressores se afogando espetacularmente nas águas. Os espaços do êxodo eram outros.

Alguém poderia chamá-los de 'pequenos', isso se aprender a caminhar e ser amamentado for algo 'pequeno'.

Com o versículo 4 se completa o que fora iniciado no versículo 1. Lá, no versículo 1, Israel fora feito "menino". Nisso estava implicada toda uma releitura, uma resignificação do êxodo. E esta chega a completar-se no versículo 4 com o "alimentava-a". E, assim, o versículo 5 começa algo novo, o que também indica que a intuição iniciada no versículo 1 chegara a realizar-se.

Contudo, Oséias ainda não se dá por satisfeito com este primeiro encaminhamento meditativo e poético. Volta ao assunto, de modo diferente, com menos figuras, com mais densidade conceptual, nos versículos 8-9.

Estes versículos 8-9 não dizem outra coisa que os versículos 1-4. Estão antes em sua continuação. De todo modo, impressionam, como cativa a plasticidade dos versículos iniciais.

Como...

Nos versículos iniciais, versículos 1-4, dizia-se algo novo, delineava-se um novo êxodo. Nos versículos que agora importam já vai prevalecendo uma crítica a um dos elementos das tradições exodais.

O juízo sobre injustos e idólatras, sem dúvida, é um dos elementos do êxodo. Assim o formula a versão mais antiga que temos do milagre junto ao mar, preservado no cântico de Miriã: Javé "jogou ao mar cavalo e cavaleiro" (Êxodo 15,21).

E este sentenciamento dos idólatras, das elites de Israel, também temos em nosso capítulo 11: "A espada devastará as suas cidades" (versículo 6). E justamente isso é avaliado criticamente nos versículos 8-9. Estes versículos põem limites à execução do juízo contra os opressores.

A rigor, a questão não é que os idólatras não merecessem o sentenciamento. Este até é reafirmado (versículos 5-7). Em questão está o limite.

Israel e Efraim não podem tornar-se Admá/Seboim (Sodoma/Gomorra), para sempre apagados da história.

Contudo, ao pôr limites ao furor, ao juízo, também entra em crise o próprio furor. Por um lado, Oséias entende que Deus "não voltará a destruir Efraim" (versículo 9). Neste caso, uma primeira destruição é admitida. Mas, por outro lado, as afirmações também são bastante categóricas: Javé não virá com furor, 'não realizará o furor de sua ira' (versículo 9). Nestes casos, a própria destruição é questionada. Não corresponde à santidade de Deus!

"Em meio de ti santo"

A santidade é, pois, o termo mais adequado, conforme versículo 9, para testemunhar o divino. Ele é santo! Eis o que de mais maravilhoso se pode dizer de Deus.

Porém, esta santidade - sim, justamente ela - não se conecta com destruição, violência, medo. E isso não deixa de ser estranho. Afinal, no geral, quando a Bíblia se refere à santidade de Deus, estão mediante cenas de susto, medo. É o caso do próprio Moisés não sabedor de estar em lugar santo (Êxodo 3). A santidade cria temor. Expressa poder, tremor e, não por último, violência.

Mas, em nosso Oséias, precisamente não é assim: O Deus “santo” não é o Deus castigador, mas amigo. Ele não é “homem”, como se lê no mesmo versículo 9. E, aqui, “homem” não é simplesmente sinônimo de humano, porque isso o hebraico expressaria de modo diferente, como se lê no próprio original do versículo 4. Em nosso caso, “homem” é antes equivalente a violento, bruto, macho. E o Deus “santo” não é um tal “homem”. Eis a questão!

Esta maneira de Oséias testemunhar a Deus bem que podemos entender a partir dos versículos 1-4. À luz daqueles versículos até é óbvio que Javé não se defina como “homem”, mas como “santo”, como não destruidor, carinhoso que é do jeito da boa mãe.

Aliás, outras duas formulações oseaiânicas até o reconfirmam:

“Meu coração - minha compaixão”

É que o próprio “coração” de Deus se decidiu por um novo caminho. Este “coração” é lugar das decisões. Não é o das emoções, como em nossa cultura. Na Bíblia, “coração” é antes racionalidade.

Javé tomou, pois, uma nova direção, orientação. Meditando dessa maneira, o profeta Oséias nos apresenta novos conteúdos teológicos. Apercebe-se de nova maneira da presença de Deus entre nós. E esta nova maneira põe, justamente, em crise um conceito de Deus que tem conflitos, furores, destruições, violências como locais privilegiados para testemunhar a presença do “santo”. Prefere antes o aprender a andar, o abraço, o dar de mamar como gestos típicos para o testemunho da presença de Deus.

Mas, isso não só é coisa de “coração”, no caso de decisão voluntária e racional. É também o que propõe a emoção, ou na linguagem de Oséias, no versículo 8, a “compaixão”.

Há quem queira traduzir esta palavra “compaixão” por “entranhas” (como o faz a Bíblia de Jerusalém). E até me parece que isso seria muito interessante. Mas, neste caso, se teria que alterar o texto hebraico. Por isso, fico com “compaixão”, se bem que obviamente a sede desta “compaixão” de Javé, que faz vibrar sua santidade em uma nova direção, é, precisamente, abaixo do “coração”, ou seja são as entranhas. Estes são os ‘orgãos’ da emoção.

Uma nova experiência de Deus se esboça nesta poesia de Oséias, sem dúvida. Algo profundamente novo desponta no horizonte: Uma maior auto-crítica em relação à violência; um modo mais “santo”, isto é humano, próximo, ‘pequeno’, cotidiano de testemunhar a Deus; o desafio de não centrar as imagens de Deus no “homem”, mas antes em quem dá de mamar.

Mas, donde vem esta capacidade auto-crítica de nosso profeta? De onde lhe vem estas novas luzes, estes relâmpagos iluminados?

De onde...

A bem da verdade, também não sei. Há de estar no âmbito do mistério da revelação. São as surpresas que Deus nos reserva.

Contudo, mesmo tais surpresas tendem a ter mediações. E as de Oséias não parecem ser tão obscuras.

Afinal, todas estas imagens usadas para descrever o 'novo êxodo', para viabilizar esta fascinante releitura da libertação são bastante conhecidas. Faziam parte do mundo cultural, no qual a profecia de Oséias estava enraizada.

São as imagens que tendiam a ser aplicadas às divindades cananéias. Elas eram justamente mães e companheiras, responsáveis por 'pequenas' coisas da vida diária. Eram muito próximas às pessoas. E Oséias conhecia esta religiosidade muito bem. Estava casado com Gômer, "uma mulher de prostituições" (1,2), alguém que havia participado dos ritos de iniciação sexual e de fertilidade, tão típicos das divindades cananéias. É deste âmbito que provêm, ao meu ver, as imagens que Oséias usa na releitura de êxodo e do conceito de Deus neste capítulo.

Justamente ele, que tanto combateu a idolatria? Sim, justamente este profeta Oséias! Pois, para ele, a crítica à idolatria não é uma condenação simplista de outras expressões religiosas. Sua denúncia à idolatria sempre vai de mãos dadas ao seu grito contra a opressão. Ele trata de desmontar os ídolos fomentadores da exploração. Sua questão não é simplesmente combater outras manifestações culturais e religiosas.

Nesta ótica, Oséias não só denuncia os ídolos, ele também denuncia impiedosamente o próprio culto a Javé transformado, no templo, em instrumento de espoliação dos camponeses de seus produtos.

Estas duras críticas à religião, usada, seja com colorido javista, seja com ritos cananeus, para a opressão, não impedem que Oséias valorize o culto a Javé, como de fato o faz, ou assuma elementos da cultura religiosa cananéia. É o que temos no capítulo 11.

"Em suas casas"

Há futuro. Esta releitura do êxodo, promovida por Oséias em nosso capítulo, tem uma meta prática, concreta. Há futuro para Israel-menino, apesar de todas as ruínas trazidas pelos reis, apesar do massacre assírio.

E esta esperança é formulada também nos termos do êxodo.

Saídos das garras do Egito e debaixo das botas assírias, o povo volta, à semelhança do ocorrido nos tempos de Moisés.

Voltam "tremendo", igualmente como nos tempos passados. No deserto, o povo vivia com medo, temendo passar fome, sede. Retornam para as casas, aliás para as *suas casas*. Ora, a casa é o símbolo do projeto tribal. E já que voltam para "suas casas" parece que retomam, precisamente, a história anterior.

Mas, então, nada de novo? Em parte, não. Pois, a vida em "casa", em clã, em tribo era o que de melhor e mais digno se havia elaborado na história de Israel. O tribalismo se fizera modelar. Por isso, o novo êxodo desemboca nele.

Mas, há também algo novo. O que ocorrera com os hebreus e Moisés tivera conotação particular, local, restrita. Agora, não. O novo agitará o mundo inteiro: o mar, isto é o ocidente, o Egito, a Assíria. Estes eram, na boca do povo, os horizontes da vida, do mundo. Todo ele estará incorporado ao novo êxodo. Os horizontes do mundo "tremendo" irão convergir para a volta, para o êxodo libertador.

Sim, novo também é este êxodo das utopias, porque nele já não prevalecerá o braço da violência, mesmo que libertador, mas o abraço do laço do amor, do aconchego, das paixões. Neste outro êxodo as coisas 'pequenas' do diário andar, do cotidiano alimentar-se, serão as santidades divinas.

Seguindo caminho

A leitura de Oséias certamente não é fácil. Você mesmo(a), o foi percebendo no decorrer da explicação do capítulo 11. Se fizeram necessárias muitas informações, para poder situar o sentido das palavras. Então, procure um livro sobre a História de Israel, para poder aprofundar Oséias. Temos diversos livros. Aponto para Jorge Pixley. *A História de Israel a partir dos pobres*. Editora Vozes. Petrópolis, 1989. 139p.

E reúnam um grupo ao redor dos capítulos de Oséias. Comecem pelo capítulo 11, sigam em frente com o capítulo 8, o capítulo 14, os capítulos 12-13 e os demais.

Milton Schwantes é professor no Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião em São Bernardo do Campo, biblista, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB e assessor do Programa de Pastoral do CEDI.

Endereço: Rua Faria de Lemos, 84
07094-200 Guarulhos SP
tel. e fax (011) 968.0169

ou terceiro ano de pastorado e ao mesmo tempo querendo romper com a igreja, com tudo e todos. Estava bravo!

E, o Júlio me disse algo que foi marcante e me ajudou na elaboração da minha ação dentro da igreja: “O importante, não é sair, é ser expulso”!

Significou muito na minha postura contra a esclerose da instituição. Eu a confrontei. O sair, naquele momento significaria ajudar a instituição porque eu era “o calo, a pedra no sapato” dela. E aí, ótimo, resolvia o meu problema e o da instituição também. Porque ela ia dizer: Estão vendo, saiu porque não tinha nada a ver com a igreja, tinha um discurso “furado”, estava só se promovendo! Quer dizer, fariam o discurso que toda a minha geração escutou.

Então, o ficar, incomodar, valeu a pena. Cresci com a experiência. Quer dizer, você vive a proscricão dentro da instituição. E como incomoda! Mas, a história é mais forte do que qualquer outra coisa. Então, é saindo da Bíblia e entrando na realidade. Isso, é importante frizar, porque é a nossa realidade, são as nossas inquietações que nos levam a refletir teologicamente.

Quanto ao Boff, acho que ele deveria ter brigado até ser expulso. Só que, os mecanismos de pressão sobre ele, foram muito diferentes. A Igreja Católica tem um sistema diferente de ir isolando a pessoa.

Rafael: Não sei se vocês chegaram a ler a carta aberta do Leonardo Boff, quando deixou o sacerdócio. Politicamente, sua posição era essa da qual o Paulo falou. Vinte anos aturando perseguição, cansa e deixa a estrutura pessoal bastante abalada. É muito difícil você manter o tempo todo uma opção tensa no campo político.

Intervenção: A Igreja Católica foi muito inteligente também, porque se expulsasse o Boff, sabia que a reação popular seria muito grande, criando um “mártir”.

Paulo Garcia: Mais uma vez citando Rubem Alves, lembro que ele dizia: “O relógio da igreja católica funciona num compasso diferente do nosso. Nosso relógio funciona em horas, minutos, dias e meses. O relógio da igreja católica bate em séculos. Então, eles tem uma paciência histórica muito maior que a nossa, os mecanismos são diferentes”. A questão do Boff, a meu ver, coloca o seguinte:

1) ele continua católico, não rompeu com a igreja como tal, apenas saiu debaixo da tutela do Ordem dos Franciscanos, e do sacramento da ordem (sacerdócio). No caso da Ordem, ela lhe estava cerceando o trabalho teológico, o que complicava demais a sua vida.

2) o que vai acontecer daqui para frente é que vai explicar essa opção. Quando ele, há algum tempo atrás não foi até as últimas conseqüências, um grupo de pessoas o questionou, eu mesmo não entendi direito. Já estamos deixando meio de lado a hermenêutica...

Talvez, melhor é estar repensando e aplicando o que nos trouxe o estudo de João 9.

Há que se caminhar na justiça e, não discriminação das pessoas por qualquer que seja a razão. O projeto do Reino puxa os considerados à margem, para o centro!

Existem vários livros sobre o Evangelho de João. Para um melhor aproveitamento e aprofundamento ao estudar os textos de João, sugerimos a leitura de *Interpretación del Evangelio de Juan*, de Klaus Wengst. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988.

Paulo Robero Garcia é professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em São Bernardo do Campo, coordenador acadêmico desta mesma Faculdade, pastor metodista e assessor do Programa de Pastoral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Endereço: Caixa Postal, 5151
09735-460 São Bernardo do Campo SP

“Iguais em poder e glória...”

Leitura bíblica na ótica feminina, à luz de Gênesis 1-2

Jane Falconi F. Vaz

O meu contato com a Bíblia se deu de um modo praticamente igual para as pessoas da minha geração. De certa forma, poderia dizer que todos nós, homens e mulheres de tradição protestante começamos a manusear a Bíblia através da leitura doméstica ou dos encontros devocionais e dos chamados “galopes bíblicos”¹. Isto era o máximo para um(a) adolescente ou jovem das décadas de 60 ou 70.

Na realidade, os protestantes eram considerados como sendo aqueles que conheciam a Bíblia. É claro que isso sempre foi colocado porque tínhamos acesso à mesma.

Sem contar também, que, para muitos que nos orientavam, saber a Bíblia era identificar os livros do Antigo (este chamado de Velho) e do Novo Testamento, saber o nome e a ordem em que se encontravam na Bíblia. Para os não protestantes, nós éramos os entendidos em matéria de Bíblia e havia em nós o “orgulho bíblico”!

Anos depois, pude avaliar o que era a nossa leitura da Bíblia. Fizemos parte muitas vezes (eu diria mesmo, a maior parte delas) das pessoas a quem eram ensinados versículos bíblicos isolados do contexto.

Esses deviam nortear todo o nosso comportamento moral, social, espiritual. Deveríamos ser o modelo do modelo, e ver todos os valores na pessoa de Jesus, em seus gestos e falas. E se ele era o nosso salvador, não era necessário mais nada.

Ora, se era assim o acesso, dá pra imaginar que nem sônhavamos com uma forma de leitura em que pudéssemos “compreender” a participação e a importância de várias mulheres que compõem o mundo histórico bíblico e mais ainda através disso compreender nosso próprio mundo enquanto ser total, íntegro, com direito à vida, participação e respeito.

Tudo era individualizado, nenhuma leitura levava em conta a questão da comunidade, e do momento em que cada texto foi escrito.

É óbvio que, se a leitura era assim no geral, o espaço das mulheres era reduzido a nada. Nem seu valor como parte de uma comunidade era considerado, ou pelo menos, questionado.

Os tempos passaram, e retomamos a leitura utilizando pistas, chaves e isso possibilitou mudanças.

Talvez, um dos grandes problemas das questões femininas é que todas as pessoas e movimentos em qualquer época, ficam sendo como se fossem as(os) primeiras(os).

Não se constituiu uma certa continuidade entre eles. Não parece que problemas ligados às mulheres são considerações mais da década de 80?

1 Eram concursos em que se valorizava muito aquele ou aquela que conseguisse localizar na Bíblia, determinado livro, capítulo e versículo e se levantasse mais rápido para lê-los.

Assim, quero lembrar de algumas mulheres que podem nos ajudar nessa compreensão e aproveitar para colocar em destaque alguém, que num outro tempo já agiu de modo especial. Vou mencionar para a nossa reflexão, uma mulher nascida no século 19. Isto porque é meio raro para nós mesmas, o travar conhecimento com a existência de tal mulher, já naquela época questionando a hermenêutica bíblica a partir do homem.

Refiro-me a Elizabeth Stanton.²

Ela nasceu nos Estados Unidos em 1815. Sua família era de origem escocesa e seguia uma tradição religiosa calvinista, bastante rígida. Filha de um juiz, desde criança ficava no colo do pai, prestando atenção às várias mulheres que vinham pedir ajuda, ou mesmo implorar, pois sofriam abusos de seus maridos. Estes, tomavam delas o dinheiro que conseguiam, lavando roupa, e o gastavam em suas bebedeiras. Outras denunciavam que os maridos hipotecavam a propriedade onde moravam ou, simplesmente, a vendiam, sem consultá-las. Elizabeth tinha esperança de que seu pai pudesse ajudá-las, mas a lei protegia os maridos.

Segundo a lei, os salários, bem como a herança das mulheres, pertenciam aos maridos. Mulheres casadas não tinham direito à propriedade. No casamento, marido e mulher se tornavam um, mas este um era o marido!

Em 1886, Elizabeth começou a planejar um estudo em que iria analisar a Bíblia, não só como um livro inspirado por Deus, mas também como livro escrito por seres humanos em conjuntos específicos. A Bíblia não era mais só livro sagrado, mas sujeito à análise textual, histórica e literária como um outro livro sério, também se deve sujeitar. A Bíblia não era a voz direta de Deus mas a memória de um povo.

Em 1895, ela publicou a primeira parte da “Bíblia das Mulheres”: somente o Pentateuco.

Em 1898, publicou a segunda parte: Os livros de Reis, os profetas e os textos neotestamentários.

Seu objetivo era questionar as doutrinas teológicas que menosprezavam as mulheres. Ela não conseguia entender por que as mulheres iam às igrejas ouvir tão docilmente os sermões que as declaravam seres inferiores e causadoras da queda do homem. Isto acontecia porque as mulheres foram educadas acreditando que a Bíblia era palavra inspirada diretamente por Deus e era vontade dele que elas fossem submissas ao homem.

O objetivo, então, não era a elaboração de prédicas ou ensaios científicos, mas de mostrar às pessoas comuns, que Deus não havia escrito a Bíblia pessoalmente, que por exemplo, a cena do “Jardim do Éden” descrita em Gênesis, não passava de um mito.

As mulheres não podiam ser consideradas responsáveis pelos pecados do mundo e, acima de tudo, que a vontade de Deus não era a submissão das mulheres.

É claro que os teólogos mais renomados não iriam admitir isto, porque, tirando o pecado de Eva, poderia não haver necessidade de serpente, queda, juízo final, purgatório, ou até mesmo de um salvador!

Vamos rememorar o texto de Gênesis 1,26-28, na tradução do Almeida:

26 *E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se arrasta sobre a terra.*

2. Para estas informações, confira Deifelt, Wanda in Estudos Teológicos 32, São Leopoldo, 1992.

- 27 *Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*
- 28 *Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.*

Temos nestes versos uma declaração clara do elemento feminino em Deus, igual em poder e glória ao masculino: A mãe e o pai celeste! O verso 27 quando diz: “...à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”, declara a imagem de Deus como homem e mulher. Não é dito em nenhum momento que somente o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Ao contrário, o que é dito, é que ambos foram assim criados. É lógico então, que a mulher também foi criada à imagem de Deus. Isso coloca o rosto feminino de Deus, o Deus feito mãe. Não há também nenhuma ordem de dominação do homem sobre a mulher, e sim de que os dois dominem tudo o que há sobre a face da terra.

Como é possível então fazer da mulher, um pensamento posterior?

Os textos em Gênesis mostram a criação simultânea do homem e da mulher e sua igual importância no desenvolvimento da humanidade. O primeiro relato da criação dignifica a mulher como um ser igual em poder e glória.

Vamos ler o texto em Gênesis 2,21-23:

- 21 *Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar;*
- 22 *e da costela que o senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem.*
- 23 *Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada.*

Este segundo relato da criação, pode ser interpretado como se a mulher apenas fosse um apêndice (veja 1 Coríntios 11, 8-9). Ora, se durante décadas, nos aceitamos como seres que vieram da costela do homem, é porque nos queriam fazer acreditar na superioridade do homem, a ponto de originar aquela que seria sua “companheira”. Sendo esta supremacia dada ao homem, já deveríamos nos sentir inferiores, vindas ao mundo pela boa vontade do homem e, é claro, já traríamos em nós a culpa, diante de tanta benevolência!

Penso que acreditar nisso seria, praticamente, o mesmo que crer que os bebês são trazidos pelas cegonhas!

Ao mesmo tempo ouvíamos muitos discursos de que tudo feito por Deus estava em plena harmonia com a ciência e que a Bíblia por si só podia provar tudo.

Então, Deus em sua plena sabedoria, criando um universo para o equilíbrio entre os seres, jamais faria uma coisa dessas! É lógico que este segundo relato não está em harmonia nem com a ciência, nem com o senso comum, pois o texto diz que a mulher foi criada do homem. Não é nem preciso ciência em nível profundo para saber que, biologicamente, o homem nasce do corpo da mulher. O homem fecunda a mulher e, é nesse corpo feminino que ocorre a reprodução, a formação do feto que se desenvolve e ali permanece, por vários meses. Também ninguém pode duvidar que é desse feminino corpo que nasce o novo ser humano.

Poderíamos enfocar vários outros textos pesquisados por Elizabeth Stanton, mas estes são suficientes como amostra, para ajudar em nossa reflexão.

Quem sabe, a luta dessa mulher no século passado, não seja razão para repensarmos cada vez mais a mulher como uma “ação” constante em seus diversos espaços, para ter motivação e animação na sua caminhada, dando um salto em direção à frente.

Também nas igrejas e na chamada educação cristã, o máximo que ouvimos dizer sobre mulheres da Bíblia foram referências a Maria, mãe de Jesus e Maria Madalena. Maria, mãe de Jesus, é tida como a mulher santa e, portanto, escolhida por Deus. Nunca se falou na Maria mulher, com dúvidas, sofrimentos e sexualidade. É claro, isso complicava!

Mas, dá para crer na Maria fecundada pelo espírito sem ter vivido sua sexualidade com José, seu companheiro?

Assim, em breves citações, vamos lembrar de mulheres merecedoras de admiração, quase sempre tão escondidas de nós, pela forma de leitura dos textos bíblicos:

Déborá por sua coragem e sagacidade militar (Juízes 4,4-10).

Hulda, por sua sabedoria e dons proféticos, por sua capacidade de ensinar ao povo simples e a reis poderosos (2 Reis 22,11-20).

Rute, por sua fidelidade e dedicação e **Ester** por ser uma governante sábia (Ester 7,8).

Vasti, por não aceitar a visão popular de que as mulheres deveriam obedecer os seus esposos e por acreditar que elas não são meras propriedades de seus maridos (Ester 1,2-22).

Do ponto de vista da hermenêutica, Elizabeth traz a perspectiva da suspeita teológica à Bíblia, isto é, de que ela nem sempre foi inspirada por Deus, mas que seus autores tinham intenções quando escreveram os textos. A questão não é, se o texto bíblico foi escrito a partir da perspectiva do homem (e a maior parte foi), mas se foi escrito com o objetivo de negar igualdade às mulheres.

Colocando hoje essa mesma questão, sabemos que a entrada do feminino no pensamento cristão latino-americano é um processo penoso, embora os sinais de esperança sejam ricos e significativos.

Dentro da própria Teologia da Libertação, em que se mostrava claro “a opção pelos pobres”, essa expressão era específica ao sentido sócio-econômico. Se, porventura, as pessoas levantassem a questão indígena, dos negros, das mulheres, eram consideradas como enfraquecedoras da luta pelos pobres, culturalistas e meio “dissidentes”. Mas a partir de duras lutas é que se começou a enxergar e talvez a aceitar: “o falar das mulheres como pobre entre os pobres” (Ivone Gebara, teóloga católica, no II Encontro Internacional de Teólogos, em Junho de 1992 em Madrid).

Verdade é, que as mulheres cansaram de seu “exílio” ao qual foram submetidas pelo patriarcalismo. A expressão máxima do divino sempre se concentrou no masculino. Quer dizer, há um sexismo teológico que reduz o humano e a Transcendência.

Assim, contra a sacralização de certas leituras, como se fossem verdades absolutas, contra o “aceitar” a mulher como ser inferior ou mesmo com desconfiança, é que encaramos a mulher, nessa frente de combate, misturando suas vidas domésticas, profissionais, com a presença nos meios populares, e com o enorme mundo que nos desafia a cada dia e clama por alternativas que respeitem mais integralmente a vida e aquela que dá origem à própria forma de vida!

Voltando ao texto da criação, em Gênesis, quero dizer que, se existe o elemento feminino em Deus, que nos faz chamá-lo Deus nosso pai e nossa mãe, importa lembrar e reforçar que somos elementos diferentes. É claro que, quando clamamos por igualdade é porque sempre fomos consideradas o lado menor, mais pecador, menos respeitado, menos valorizado e remunerado profissionalmente. Mas não somos iguais. Somos diferentes. É que queremos o respeito como seres diferentes, assim como é diferente cada ser sobre a terra. Cada ser vivente pertence a uma “população” ecológica. Assim, homens e mulheres, são seres biologicamente da mesma espécie

mas, com características diferentes, construídas historicamente. Pode parecer contraditório. Mas, na verdade o processo histórico-cultural nos transformou em seres diferentes. Por isso, é que devemos nos unir mais. Como seres, fomentadores de vida.

O que não podemos aceitar é o discurso masculino, branco, ocidental, englobante, pois esse parece nunca ter levado em conta as nossas reais diferenças!

Leiamos outra vez, se preciso for, Gênesis 1-2. A partir da própria criação, já no início, podemos nos encontrar.

E mais, em poder, glória, imagem e semelhança de Deus, materno e paterno!

Não paramos por aqui...

Temos muito o que ler, falar, refletir e trocar sobre as mulheres. Assim, para maior aprofundamento e estudo, sugerimos as seguintes leituras:

1. "A mulher na Bíblia: opressão e libertação", de Carmiña Navia Velasco, RIBLA 9, 1991/2 p. 51 a 70.
2. "Mulheres na prática da Justiça e Solidariedade", de Ivoni Richter Reimer, Mosaicos da Bíblia 6, CEDI, 1992.
3. "Na Voz das Mulheres", Mosaicos da Bíblia 3, CEDI, 1991.

Jane Falconi é bióloga, mestra em química, educadora, leiga metodista e membro da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

Endereço: CEDI Av. Higienópolis, 983
01238-001 São Paulo SP

Este painel foi realizado logo após a apresentação de Jane Falconi sobre a leitura bíblica na ótica das mulheres, à luz de Gênesis 1-2. Participaram Milton Schwantes, Roberto Zwetsch, Jane Falconi, Rafael de Oliveira, com a intervenção de vários dos presentes.

Intervenção: Talvez para nós homens, este assunto sobre o feminino não tivesse sido olhado com importância. Mas gostaria de reler Gênesis 1,26.

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; dominem eles sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra”.

Ora, se está sendo falado no plural teria, realmente, que ser duas pessoas. Só havia um homem, portanto, a outra pessoa teria que ser uma mulher. Para mim o homem aqui é só figurativo.

Eu concordo com o que Jane falou, sobre tudo isso. Mas eu discordo um pouquinho na questão da inspiração. Para mim, a Bíblia é um livro inspirado por Deus. Só que ela foi escrita por homens, numa sociedade onde o homem prevalecia em relação à mulher. Mas, eu penso que se a Bíblia não foi inspirada por Deus, perde um pouco o objetivo de nosso estudo. O que você me diz, Jane?

Jane Falconi: Vou responder a esta questão não só da forma como penso, mas como sinto. Claro que, eu não tenho a autoridade de um biblista para responder. Nem sou teóloga. Minha formação acadêmica é completamente outra. Mas, creio poder responder, como cristã, caminhando junto nessa releitura que também me interessa, envolve, e que me tem trazido muito crescimento.

Entendo que a Bíblia é um livro sujeito à crítica literária, textual. É claro que não é um livro qualquer. Quando você fala em livro sagrado eu lhe digo assim: Vamos supor que você registre num álbum de fotos e memórias o nascimento de seu filho. Vai colocar ali uma relação de amigos que foram visitar, as pessoas importantes para o relacionamento de vocês, enfim todos os detalhes de pessoas e fatos ligados a essa criatura que é um marco em sua vida.

Então, para você aquilo é sagrado. Se alguém rasgar, ou fizer mal uso, você vai ficar muito bravo e chateado. Para mim, isto é o conceito de sagrado.

Não poderia e nem afirmaria que a Bíblia é um livro qualquer. Ela é sagrada pra mim, na medida em que registra a memória de um povo, a sua história escrita com dores, alegrias, lutas, e principalmente, tudo aquilo que esse povo passou. E essa história entra na minha vida porque é também a minha vida.

E quando você fala da questão da inspiração eu vejo que na minha relação de leitora, o que eu busco na memória desse povo, somado à realidade do meu tempo, da vida social em que estou inserida, é que eu encontro a inspiração. O texto a traz pra mim como consequência da minha realidade, da mesma forma que eu a levo para o texto. É muito distante dizer assim: “O espírito soprou”, somente Deus inspirou. É como se pegássemos a cena do “Jardim do Éden”, e nos apegássemos ao simples afirmar de que o ocorrido ali foi inspirado por Deus. A descrição daquele jardim é um mito. Dependendo do momento e da realidade em que vivemos a simples leitura desta cena não trará inspiração alguma. Então, sinceramente eu questiono mesmo a interpretação colocada assim. Mas, gostaria que o Milton, como biblista falasse sobre essa questão.

Intervenção: Penso bem parecido com a Jane. Até hoje eu tenho muito medo dos chavões do tipo: “o espírito inspirar”. Porque as pessoas podem ser manipuladas de modo muito fácil. O espírito disse isso e aquilo e as pessoas vão agir por conta própria em nome do espírito. E coitadas daquelas que estão seguindo.

Na verdade a minha questão é a seguinte: Se hoje, nós que somos cristãos, temos a certeza de nossa salvação, e queremos a Bíblia, mas temos pontos divergentes, como seria se fôssemos escrever a história desse encontro? Cada um iria redigir de seu jeito. Assim, imagina naquela época. Daí, eu paro para pensar e acho que vai ter a interpretação da própria pessoa que escreveu.

Agora, a grande questão é a do sagrado. Isso pra mim é nebuloso. Por onde passa o sagrado na medida em que se dá um voto de confiança à pessoa que escreveu o livro? Você vai acreditar que ele estava inspirado, que estava realmente, compartilhando dos mesmos momentos do grupo, que ele era cristão? E por ser assim, tudo o que ele escrevia estava certo? Ao mesmo tempo temos hoje pessoas que se dizem cristãs, e em nome disso estão liderando grupos, facções religiosas, seitas e igrejas e, “fazendo e acontecendo”. Então, por onde passa o sagrado?

Intervenção: Comecei a discordar da teologia quando eu achei que era impossível Deus esperar duas pessoas diferentes, com visões diferentes, escreverem a mesma coisa. Ora, se Deus inspirava, a visão passada tinha que ser a mesma.

Como é que ficaria então a descrição da cena de Jesus na cruz com os dois ladrões?

Um evangelista descreve que os dois ladrões “jogaram” na cara de Jesus que ele era “o grande cara” e então poderia sair dali! O outro, já faz a narração dizendo que um dos ladrões pediu que Jesus se lembrasse dele, quando entrasse em Seu Reino. Isso pra mim significa que houve arrependimento.

Então, Deus inspirou e isso se deu de modo diferente para os dois evangelistas?

Penso que essas questões não casam com inspiração.

Deus fala para mim através da história daquele povo. E, concordando com a Jane, por aí passa o sagrado.

Milton Schwantes: Nós não nos conhecemos, mas eu imagino que você, não seja muito diferente de mim. Ou seja, somos ruinzinhos, cheios de maldade, então acabou o sagrado. Ele foi para o “ralo”. Ou Deus está conosco e aí o sagrado foi para o lixo, ou ele não está conosco, encontra-se noutra mundo e nem vai se meter conosco.

Fico com vontade de dizer: Depois que Jesus morreu na cruz, não tem mais jeito. O sagrado “foi pro brejo”, o templo se arreventou, houve tremor de terra, o Santo dos Santos se rasgou e aquele soldado que meteu a espada em Jesus se converteu. Quer dizer, virou tudo uma confusão danada. Se quisermos o sagrado, ele vai acontecendo em nossas vidas, no meio das casas profanas em que vivemos, do jeito atrapalhado que somos. Deus está aí. E outro vai dizer que não é assim e que ele experimentou de forma diferente. Quer dizer, nós somos contraditórios, aprendemos que há dois testamentos na Bíblia porque cada um fala de uma maneira. É assim mesmo, a Bíblia Sagrada é extremamente atrapalhada. Por isso então há dois testamentos para tentar dizer a verdade e os dois não se acertaram plenamente.

A Jane nos mostrou que o segundo testamento é machista e o primeiro é também. Quer dizer, nós temos que continuar os testamentos rumo ao terceiro testamento.

Podíamos falar no racismo. A Bíblia tem coisas racistas que são marcantes. E talvez pudesse ser diferente, pois foi feita por uma cultura única. A Bíblia não abarca tudo e todos. Faltam os negros, os índios. Ela é limitada. Mas é aí que está a graça de Deus. Ele está conosco nessa fragilidade, nessa cruz que ele assumiu. Não é loucura? Deveria assumir o templo! Aí sim, haveria o sagrado, pois no templo tudo é sagrado. Mas Jesus não assumiu o templo.

Antes de entrar lá no templo, é preciso ter uma purificação, lavar-se. Então, as mulheres ficariam fora, por que são consideradas impuras. Não tem jeito. Se há sagrado então os doentes, os pobres ficam fora. Ao sagrado só o sacerdote tem acesso, uma pessoa só, uma vez por ano. E Jesus disse

que o sagrado acabou. Agora, todos e todas têm acesso. Então, não dá para defender a sacralidade da Bíblia. Mas, é extremamente sagrada e se torna cada vez mais, quanto mais entra na história de cada um, obviamente uma história com defeitos.

Intervenção: Quero voltar ao que você, Milton, falou sobre Jesus. Onde ele parecia mais humano era o divino e vice-versa?

Milton Schwantes: Isso é o dilema do protestantismo que faz a Bíblia tão sagrada que nem a lê mais. Quanto mais sagrada, menos ela é Bíblia, menos entra em sua vida e em seu coração.

Intervenção: Se nós pegarmos textos isolados, fica muito difícil para entender. Então é necessário ter todo o conhecimento. Isso para mim é problemático porque me falta esse conhecimento e tempo para estudar a Bíblia com profundidade como eu gostaria. Daí como entender o Antigo Testamento, o Novo? Porque certas coisas estão colocadas daquela forma, porque Paulo era assim e agia de tal maneira? É claro que tem toda uma história, um contexto, mas e se eu os desconheço? E assistindo a uma reunião como essa aqui confirma-se que a Bíblia é tão cheia de detalhes e isso passa às vezes, tão por alto e sem aprofundamento para nós. Acho que esse é o problema da inspiração? Será?

Milton Schwantes: Jane nos mostrou que a Bíblia está centrada no homem. Logo ela é limitada. Se dissermos que a mulher é igual ao homem, temos que romper com uma série de coisas da Bíblia. Não tem jeito!

Intervenção: É como aquela questão do Apocalipse, lá no finalzinho da Bíblia, onde diz que quem coloca ou tira um til se arreventa todo. Se todos somos iguais, e meio safados, o que fazer com esse salafário?

Intervenção: Vamos considerar a questão dos livros que não temos na Bíblia. Eles poderiam estar e de repente nós pegamos essa Bíblia que não os inclui (que é a “nossa”) e só tem esses livros que são considerados “sacramentados”. E aí, ouve falar sobre o sagrado.

Eu achei muito interessante a colocação da Jane, sobre a questão do álbum de fotos e fatos. É verdade, aquilo se torna sagrado, eu guardo como precioso. Não quer dizer que seja perfeito, que não há mais o que acrescentar. Mas temos esses livros na Bíblia e sabemos que há outros. Como colocar essa questão?

Milton Schwantes: Foi uma boa medida essa do judaísmo ao fixar os livros do Antigo Testamento, como foi a dos cristãos quando fixaram os do Novo. Aqueles que estão reunidos no Antigo e no Novo testemunham melhor para que lado fica o caminho. São qual placas na estrada. Esses dão testemunho melhor do que os que ficaram fora da Bíblia. Seguramente, há uma série de livros apócrifos que também ajudam. Quando você fala com uma mãe, ou o seu pastor, ou um amigo sobre Jesus, esses são qual placas, são indicações no caminho.

O que eu estou levantando está nessa linha. É a nossa compreensão do sagrado e do profano do Jesus gente e do Jesus Deus. Estou tentando dizer: Olha, alguém que nasce na estrebaria, no meio daquele cheiro ruim, daquela porcalhada, não é sagrado. Ele já começou a confusão, na hora de nascer. Porque nascer no meio da imundície da estrebaria? Ela é impura!

Assim surge uma compreensão completamente nova. Somos capazes de dizer: Deus chegou tão perto de mim, nascendo na estrebaria. Ele é meu irmão, e as mulheres iriam dizer é minha irmã, e aí, está acontecendo o divino.

Por isso, eu insisto: se nós fazemos a Bíblia muito sagrada, ela não bate mais dentro de nosso coração e nem na nossa vida, porque ela fica distanciada de nós, fica num mundo que não existe.

Mas alguns nos convidam para o mundo de fé! Sai da sua, vai para o mundo de fé, o mundo do sagrado! Acho que não!

O mundo sagrado foi para as cucuias, e o mundo sagrado de Deus agora está na cruz, nos pobres.

Intervenção: Eu sei, mas você não elimina a possibilidade de outras sinalizações, de outras placas.

Milton Schwantes: Isso é inevitável, porque essa Bíblia é sinal entre sinais. Você precisa ler, comentar a Bíblia em comunidade. Se você não comenta comigo, reza e canta junto comigo, não tem jeito. Quer dizer, a Bíblia não é mágica. É preciso olhá-la, ler em grupo e aí, ela indica o caminho.

Porque Bíblia debaixo do braço não funciona. Ela precisa da irmandade, da fraternidade para nos ajudar.

Jane Falconi: Eu não sei se você está colocando essa questão do “sem foi ou com foi” mais a partir da questão da minha colocação sobre as mulheres.

É preciso deixar claro que nós não precisamos romper com a Bíblia para falar sobre a questão da mulher, de forma respeitosa, digna e de defender o espaço da mulher, enquanto mulher.

Porque, acaba sendo de novo uma visão meio machista pela própria reação que se percebe nas pessoas. E, é a Bíblia que mostra o que é verdadeiramente a releitura quanto mais é lida e passada pelas mãos do povo. Isso vem a partir da dor, do sofrimento, da marginalidade e não se trata de rompimento.

Encontramos teólogos, sociólogos, filósofos, que se utilizam de textos e contextos, para embasar a questão da reforma agrária, do papel político e social. Mas sempre que se fala na questão da mulher parece que estamos querendo romper ou alterar alguma coisa em relação à Bíblia. Só que, há leituras e leituras! E a colocação é um alerta até para as próprias mulheres porque passaram-se muitos anos sem que se arriscasse uma leitura em que a mulher tivesse vez e voz.

Ela participa, é companheira, atua em várias frentes. Mescla atividades profissionais, domésticas, maternas, com movimentos populares. É assim, meio múltipla!

E, sem romper, podemos sim, fazer interpretações, utilizar pistas, chaves, “placas”, porque não se ousava colocar nada.

Não é para abrir uma guerra contra os homens. Até, ao contrário, abre mais o leque e possibilita muito mais a nossa caminhada como seres humanos.

Rafael: O que eu quero colocar é em relação à inspiração que alguém já levantou. Não é a primeira vez, que eu ouço desse mesmo grupo a questão de ser ou não ser inspirado. Acho que essa é a grande brincadeira que nós fazemos ao reler o texto bíblico. Quando falamos acabou o sagrado, ele foi pro ralo, é porque acabaram-se os homens puros, o lugar isolado da revelação de Deus. E Deus se revela onde? No meio das mulheres que têm orgasmo, dos excluídos, das prostitutas, do cego que é curado no sábado, ou seja, ele se revela no dia-a-dia. Desacralizar, significa dizer que o espírito não está num lugar especial, sagrado. Ele está na vida e precisamos não ter vergonha de dizer que a vida é o lugar da revelação. Não dá para pensar que Deus se revela fora do pecado, dos dramas humanos. Ao contrário, a tradição do povo judeu foi dizer: Não! Nossa inspiração é que Deus está aqui nessa confusão. Deus é tesão, é confusão, é vontade de viver, quer dizer, há uma afirmação na inspiração que é absolutamente, irreverente em relação a uma sacralização do divino. A gente pode retomar até o tema da inspiração, mas ele fica tão secundário, que inspira todos e não inspira ninguém. A gente é vida, é contradição, é risco. Acho que esta herança do cristianismo, que faz até leitura do Antigo Testamento com outro viés, é possível a partir do Cristo, da sua irreverência, das possibilidades de afirmação de que é na vida que as coisas estão dadas,

não num lugar especial que nós separamos para que Deus se revele. É um pouco da minha intuição sobre esse tipo de tema.

Intervenção: Para mim não tem muita importância esse escrito do Antigo Testamento, se houve ou não. Acho que a posição pessoal de quem escreveu sem dúvida nenhuma existe, e sempre vai existir cada vez que a gente for escrever alguma coisa. Ninguém consegue escrever sem colocar sua posição. Agora, o que não se pode escrever é o objetivo exatamente desse escrito, que é o plano de salvação, que é o Cristo, porque senão ao invés de dar pistas, muda aqui, ou aqui está bom, qualquer um não estaríamos discutindo ...

Intervenção: A forma justamente de dizer e não temos até mais fé para dizer ... temos confusão. Essa que é a brincadeira que a gente faz quando fala da inspiração não ser isolada. Acho que falando até arriscamos mais com a fé do que aqueles que escolhem uma revelação isolada.

Intervenção: Volto a dizer que o importante na Bíblia é justamente o plano da salvação. Essas questões a gente vai ter que enfrentar: a questão das mulheres, a questão da fraternidade, a questão do amor ao próximo, vão aparecer de uma forma ou de outra, porque cada evangelista colocou a crucificação de forma diferente da forma que ele viu. Agora, acho que na verdade o objetivo todo da Bíblia foi contar a história para logicamente chegar nesse Cristo. Para isto teve que contar toda a origem do povo de Israel, do objetivo de Deus e o plano de salvação. Esse é o objetivo da Bíblia.

Intervenção: Estou sentindo que esses assuntos emergentes são todos importantes, mas ao mesmo tempo a gente tem tão pouco tempo para discutir essa questão da mulher que eu acho que valeria a pena deixar as outras, e dedicar mais o nosso tempo à essa questão. Eu queria dar um depoimento pessoal. É que eu vivi um grande período da minha vida num conflito muito grande porque eu lia livros de feministas não cristãs e eu dizia: "Ah! mas elas não são cristãs. Eu concordava com elas, pois o que diziam batia fundo no meu coração e me deixava agitada. Ao mesmo tempo, eu via Paulo dizendo essas coisas todas, ia a casamentos e só ouvia aquele discurso. Então, o texto bíblico era uma opressão para mim, até que fui convidada por uma americana, para participar de um curso sobre a mulher. Eu fui cheia de dedos e me perguntava: "O que é que essa mulher vai apresentar?" Pensei que era alguma coisa ligada à sociedade feminina, como existe na Igreja Batista. Fiquei entretanto surpresa com o seu trabalho. Ela havia feito um estudo muito sério sobre a questão da mulher na Bíblia e fez isso a partir de uma experiência. A esposa de um pastor foi convidada para participar de um trabalho e ele não deixou alegando que era a autoridade, o chefe da família, e que ela devia submeter-se a ele. Essa mulher chorou uma semana porque queria participar e não pôde devido à proibição do marido. A missionária disse que isso mexeu com ela e a partir daí começou a estudar. Ela foi para Israel, foi aos EUA, fez um estudo durante 20 anos. Tenho um volume enorme de seus papéis em minha casa. O curso durou 2 anos. Para mim foi uma libertação tão grande que a minha vontade era pular de alegria. Quer dizer, eu posso encontrar na própria Bíblia as respostas que eu quero, e não por uma distorção, mas por uma análise mais detida e com uma visão feminina, uma visão não comprometida com o machismo. Se a gente for pensar, por exemplo, na questão da "presença do mal", creio que uma das manifestações do mal na história da humanidade foi o machismo, porque não é parte plano de Deus! Quantas mulheres no mundo deixaram de demonstrar o seu potencial enquanto seres humanos por causa do machismo. Então, se a gente percebe que na própria Bíblia esse resgate pode ser feito, acho importante fazê-lo pois esse referencial é muito forte. E se a gente conseguir fazer isso aqui, a partir de nós, é melhor ainda. O que a mulher vai ganhar de força... Porque a gente até fala, mas o discurso ainda está nas mãos dos homens. Por exemplo, as CEBs são formadas por 90% de mulheres, mas na hora das propostas serem feitas, a maioria das pessoas que se manifestam são os homens. Na Igreja acaba sendo assim. Homem prega, mulher faz palestra. Se a gente vai falar numa igreja, o pastor pergunta assim: "a irmã vai falar lá de baixo,

porque mulher não pode subir”. Acho muito importante a gente se aprofundar nessa questão e perceber esse resgate que a mulher precisa ter dentro do próprio discurso bíblico.

Intervenção: Queria resgatar só uma coisa que alguém falou antes sobre a Bíblia e a salvação. Discordo um pouco. Penso o seguinte: a função da Bíblia não é simplesmente apresentar um plano de salvação. Aí a gente volta para aquele ponto. A função da Bíblia é mostrar a criação, a história, depois através de Jesus, o Reino. E quando Jesus parte, mostrar que o Reino continua a ser vivido aqui por pessoas que tentam viver como ele. Ora o Reino tem um fim, um objetivo, que é o que devemos estar sempre buscando.

Jane Falconi: Retomando o que foi colocado na última intervenção, eu quero dizer o seguinte: O objetivo desse painel é que fosse feita essa aproximação da Bíblia, essa releitura, partindo de uma visão do Novo Testamento que foi a parte do Paulo Garcia, da visão das mulheres, apresentada por mim. Quero lembrar que ainda tem a fala do Roberto que vai abordar a questão a partir da cultura indígena e depois a releitura bíblica que é feita na América Latina, que será apresentada pelo Milton. Então, essas coisas são muito intrigantes e nós vamos querendo puxar o que é a salvação pra cada um, a inspiração, o sagrado e todos são temas ótimos. É bom despertarmos para todas essas perguntas e dúvidas, porque não podemos querer esgotar tudo num encontro como se ele fosse o último. Então, quanto à minha colocação sobre a questão da mulher, fui clara e se vocês concordam poderíamos fazer um arremate mais tarde.

Aliás, sobre este tema sempre haverá muito para se falar e aprender!

Respeitando uma cultura própria

Leitura Bíblica e povos indígenas

Roberto E. Zwetsch

Para tratar deste tema, selecionei 4 exemplos de como se fez leitura bíblica em relação aos povos indígenas. O assunto é complexo e exigiria que tratássemos de outras questões prévias, como uma breve caracterização da história da América Latina do ponto de vista dos povos indígenas ou os conceitos de cultura e alteridade. Mas como o tempo é escasso, farei apenas algumas observações que possam ajudar a nos situarmos.

Há muitos equívocos na visão que predomina em nossa sociedade quando se fala em povos indígenas. Fala-se em “índio” como se tudo fosse a mesma coisa. Entretanto, a primeira observação que se pode fazer diz respeito à enorme diversidade de povos que existem hoje no Brasil. São pelo menos 200 povos indígenas que falam 170 línguas diferentes, e que somam uma população aproximada de 250 mil pessoas. Há comunidades muito pequenas de 30 a 40 sobreviventes, enquanto outras chegam a mais de 20 mil pessoas. Mas tanto uns quanto outros têm uma história própria, conservam língua e costumes e apresentam uma maneira própria de se relacionar com a sociedade envolvente e resistir a ela. Aqueles povos bastante reduzidos são como que uma chamazinha que pode desaparecer a qualquer momento. Os últimos já desenvolveram estratégias de sobrevivência e conseguem se impor e lutar por seus direitos. Ainda assim, há que se ter muito cuidado no contato com estas comunidades para respeitá-los em suas diferenças e ajudá-los a garantir um futuro digno para sua gente.

Há uma história muito bonita que vale a pena contar para introduzir o tema. Nos anos 50, a congregação das Irmãzinhas de Jesus, uma ordem religiosa católica que segue a regra de Charles de Foucault, enviou algumas irmãs para conviverem com o povo Tapirapé, no Mato Grosso. Quando elas lá chegaram, o povo só contava com cerca de 56 pessoas, e as mulheres já não engravidavam mais. Os Tapirapé haviam decidido que não valia a pena viver diante da invasão de seus territórios e da violência que os colonizadores praticaram contra eles. Com muita dedicação e paciência, as irmãzinhas procuraram lutar pela vida daquele povo. Aos poucos, os Tapirapé foram recobrando a esperança e a população começou a crescer novamente. Mais tarde, lutaram contra os fazendeiros que lhes haviam usurpado o território, recuperando parte dele. Os Tapirapé se reergueram e passaram a ser respeitados naquela região. Em 1992, as irmãzinhas comemoraram 40 anos de sua presença no Brasil e junto com esta comemoração puderam se alegrar com o fato de os Tapirapé já contarem com uma população de 250 pessoas, a maior parte crianças e jovens. Este povo lutou contra grupos poderosos como o Grupo Suiá-Missu e venceu. Mantém uma relação muito estreita com a Prelazia de São Félix do Araguaia, do bispo Dom Pedro Casaldáliga. Tudo isto foi feito em nome de Jesus Cristo, mas sem uma pregação impositiva. No início do trabalho, havia uma capela na aldeia, construída por um padre, muito amigo dos indígenas. Mas como ela era pouco usada, foi transformada em escola. Os Tapirapé não se dizem cristãos, mas os cristãos estão lá junto com eles, aprendendo e partilhando a vida.

Dito isto, passo direto ao primeiro exemplo de releitura bíblica.

Leitura fundamentalista

Trata-se de uma leitura muito problemática. Vou me valer de um texto que aparece no romance de Peter Mathiesen chamado **Brincando nos campos do Senhor** (São Paulo, Cia das Letras, 1992), recentemente transformado num filme dirigido por Héctor Babenco, e filmado em parte na Amazônia brasileira. Este romance ajuda a mostrar como acontece a leitura fundamentalista da Bíblia. Mathiesen conta a história de dois mercenários norte-americanos que haviam lutado no Vietnã, e que acabam viajando pela América Latina a serviço de quem lhes pagasse melhor. Tinham comprado um avião, com o qual jogavam bombas para matar quem fosse preciso. Eram uns crápulas. Um era de descendência judaica e o outro indígena destribalizado. Quando o seu avião, por acaso, aterrissa num perdido lugar da Amazônia, já sem combustível e eles sem dinheiro, o chefe do lugar não os deixa partir sem que eles lhe prestem um "servicinho": acabar com a tribo dos niarunas, uma tribo arredia que não aceitava a invasão de suas terras por garimpeiros, atrapalhando os planos do comandante.

Lewis Moon, o indígena, sentiu-se atraído pela história dessa tribo. Certo dia ele compra uma garrafada de **ayhuasca**, uma bebida alucinógena muito usada na região e que é preparada a base de um cipó e algumas folhas do mato. Depois de beber ele fica completamente pirado e resolve partir no rumo da tribo. Vai em busca de sua identidade perdida há muito tempo. Completamente transtornado pela piração, vai sozinho no avião, que se espatifa no meio da floresta, enquanto ele desce em seu pára-quedas e é recebido como um ser místico, passando a viver na aldeia.

Na cidade, situada no vale do rio Madre de Dios, havia outro grupo de norte-americanos, missionários de alguma sociedade protestante, e que rivalizavam com o padre católico no objetivo de evangelizar a tribo dos niarunas.

Este lugar fica próximo à fronteira do Brasil, no lado peruano. Minha esposa, filhos e eu vivemos lá naquela região, de modo que conheço o ambiente. O livro me fez recordar muitas passagens que vivenciamos com os Kulina, no Acre.

Os indígenas não entendem como um ser mítico, que se encarna e passa a viver no seu meio, seja tão atrapalhado e não saiba os mínimos requisitos da vida na floresta. Moon acaba passando por um processo de reeducação, começando a aprender a língua, a caçar na floresta e a se conduzir no meio de uma cultura tribal, que ele conhecera apenas na remota infância já esquecida de sua tribo natal.

Ele conhecera missionários protestantes naquele tempo. Conhecia o seu jeito de trabalhar. Sabia que estes que agora encontrara na cidade também vinham para evangelizar os niarunas, para fazê-los cristãos. O livro coloca inclusive a disputa entre católicos e protestantes para salvar as "almas" dos indígenas. A missão católica falhara porque o padre havia sido morto pelos indígenas. Os protestantes queriam mostrar que seu método seria mais eficaz.

Certo dia, o próprio Moon acaba passando gripe à tribo, causando uma epidemia que quase dizima o grupo. Ele parte, então, rumo ao posto missionário dos protestantes em busca de remédios. Vai lá com os dois chefes e um grupo de guerreiros. Na discussão que ocorre entre Moon e os missionários é que se dá a releitura bíblica.

Moon diz: "Vocês trouxeram esses remédios para os índios, não foi? Pois agora eles estão precisando". Aí o diretor da missão, que era um leigo, um não teólogo, responde com agressividade: "Primeiro você nos disse que a gente tinha 8 dias para ir embora (os índios iriam atacar a missão) e agora você tem o descaramento de voltar para nos pedir remédios". Diante da recusa, Moon afirma com sarcasmo: "Em outras palavras, você está querendo dizer que é melhor deixar toda a tribo morrer, e isso em nome de Jesus". Aí o diretor da missão ficou irado: "Em nome de Jesus, como essas palavras ficam imundas na boca suja de um blasfemador. Você é um demônio,

um bebedor, um fornicador obscuro, um pecador descarado que exhibe suas vergonhas..." É que ele havia visitado a missão numa outra oportunidade e apareceu perante as duas mulheres brancas da missão, a esposa do diretor e a esposa do pastor, que era subordinado ao primeiro. Seu único aparato de pudor era o cordão utilizado para segurar o estojo peniano. Continuou o missionário: "e ainda com tudo isso tem a coragem de vir aqui na frente de nossos olhos, diante dos olhos de mulheres cristãs decentes, e tem o descaramento de dizer que são os servos do Senhor todo-poderoso que estão dispostos a deixar aquela gente morrer?" Moon, já com raiva, nem discute. "Pega logo o remédio", retruca. Aí o diretor da missão, responde: "Não", e usa um versículo bíblico como justificativa: "Deus é minha testemunha. Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que união pode haver entre a justiça e a injustiça? Ou que comunhão entre a luz e as trevas? (2Coríntios 6,14)". Parece aquela encenação da escola dominical que vocês fizeram aqui ontem. É a mesma coisa. O diretor da missão começou a discutir com o outro, o pastor parecia mais aberto ao diálogo. Este último disse: "Não podemos salvar as almas deles para Cristo, se eles morrerem". O objetivo era salvar as almas dos índios, mas isto só seria possível se estivessem vivos. O outro responde: "Não vou colocar nas mãos desse demônio o remédio que nos foi dado por nosso Senhor em sua bondade. Será que você não entende isso? Será que você é tão idiota que não entende isso?" Nesse momento, o pastor argumenta: "Mas o que ele vai fazer é um ato cristão". O outro, irredutível, sentencia: "É um ato egoísta, porque os objetivos dele são demoníacos, ele quer levar esta gente para as trevas e a corrupção". Ambos discutem, e o diretor da missão chama a atenção do seu subordinado: "Essa missão é minha (ele chegara primeiro), foi você mesmo quem disse isso". O pastor e Moon se olhavam. O pastor disse: "Concordo com tudo o que Leslie (o diretor) disse. Você está cometendo um terrível pecado entre essa gente, e você vai receber esse remédio em troca de nada?" O missionário precisava dos conhecimentos que Moon adquirira na sua convivência com a tribo. Aí estava o motivo da chantagem. O diretor disse: "Esse cara tem que ajudar para os nossos propósitos". Moon, impaciente, diz (dirigindo-se ao pastor): "Ah, a sua hipocrisia fede mais ainda que a dele". O diretor pelo menos era assumido. Moon: "Você não tem a desculpa de ser burro". O outro é burro, tapado mesmo, autoritário e pelo menos admitia que pouco lhe interessava a vida dos índios. Só lhe interessava mesmo eram suas almas. Moon apontou para um índio muito doente e acusa: "Você ama ele?", cuspiendo no chão com raiva. "Uma ova! Por trás desse falso amor que vocês pregam, está um total desrespeito pela cultura dos índios, vocês dizem a eles que todas as suas superstições são ridículas, quando eles não as têm, é a religião indígena. E quando eles não têm mais nada, vocês mandam que eles acreditem em Jesus e que Jesus andou sobre as águas. Vocês compram a dignidade deles com miçangas ou com remédios também. Vocês, ah meu Deus, me dêem logo esse remédio e pronto". Vou parar por aqui com esta história. Nesse romance há muito de ficção, é verdade, mas há muito de realidade também. A questão do fundamentalismo, a meu ver, aparece muito bem colocada. Quer dizer, em nome de certos objetivos previamente colocados e indiscutíveis, a Bíblia serve para traficar com a desgraça do outro. Faz-se, com a maior boa consciência, um negócio para facilitar a evangelização. Então, o outro deve estar lá embaixo, quase sem forças, para você apresentar a salvação pronta, como se fosse um pacote, o pacote salvífico. Daí sim eles podem receber gratuitamente o remédio em nome de Jesus.

Esse tipo de leitura bíblica é uma tragédia, mas infelizmente é muito comum e está muito presente em diversas missões de fé que trabalham com comunidades indígenas aqui no Brasil. Não é ficção coisa nenhuma. Os missionários que assim procedem não o fazem por desconhecimento, ao contrário, eles possuem toda uma concepção muito bem articulada, e podem estar muitas vezes bem intencionados. Eles acreditam sinceramente que é assim que tem que ser. Como os índios falam outra língua, vivem numa outra cultura e o tempo urge, o único jeito de convertê-los a Jesus é entrar nesse esquema de traficar a fé. Vende-se a fé por remédios ou miçangas. Isto chega ao ponto de às vezes se apoiar medidas de repressão, para que a tribo aprenda a respeitar o branco. O trágico é que pessoas assim podem cometer os piores crimes.

Este tipo de leitura, de perspectiva, provoca nas comunidades atingidas as mais diferentes respostas. Desde uma aceitação acrítica até uma forte oposição. Nos movimentos indígenas mais organizados atualmente há uma forte oposição aos missionários fundamentalistas, em toda a América Latina. Algumas organizações chegam a propor a rejeição total do cristianismo, porque a seu ver o cristianismo é o responsável pela desgraça que se abateu sobre os seus povos desde quando os europeus aqui chegaram. Quando há alguns anos o papa João Paulo II esteve em visita ao Peru, uma delegação indígena foi ao seu encontro e lhe devolveu a Bíblia, dizendo: "Estamos devolvendo a Bíblia para você, pois ela não nos interessa, ela nada tem a ver com a gente. Temos os nossos livros sagrados e em cima deles é que vamos tentar reconstruir a nossa vida".

Então, essa leitura fundamentalista não é apenas característica do protestantismo. No período colonial, durante o qual prevaleceu a missão católica, também a encontramos.

Entretanto, e apesar desses 500 anos de opressão e morte de milhões de indígenas, houve algum tipo de evangelização. Muitos indígenas até assumiram o cristianismo contra os cristãos. Por isto, este cristianismo indígena é diferente e provoca polêmicas nas igrejas. Ele tem outras características, ele às vezes nos surpreende pela franqueza em dizer as coisas. Vamos ao segundo exemplo de releitura.

Leitura indígena da Bíblia

Trouxe para vocês um exemplo do povo Kaingáng. Faz mais de 30 anos que missionários da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil trabalham com uma comunidade Kaingáng, Guarita, próximo de Tenente Portela, no Rio Grande do Sul. O trabalho foi iniciado na década de 60 pelo irmão do Milton, o Pastor Norberto Schwantes, já falecido. Ele foi o primeiro pastor brasileiro que trabalhou com esse povo. Foram evangelizados através do trabalho de muitas pessoas, inclusive com a ajuda de missionárias do Summer Institute of Linguistics, que segue uma linha na tradução da Bíblia, muito parecida com o fundamentalismo colocado acima. Quando Norberto Schwantes se aproximou dos Kaingáng, eles já haviam ouvido muita coisa a respeito do cristianismo. Havia muitos batizados entre eles, geralmente por padres itinerantes que passavam pela comunidade. Mais tarde apareceram os pentecostais da Assembléia de Deus. Quer dizer, eles receberam as mais variadas influências cristãs. Mesmo assim, acho que eles estão numa caminhada de releitura bíblica bem original. Vou ler para vocês um trecho de uma mensagem que um indígena, Natalino Cóg Crespo, escreveu para um boletim informativo da Missão Luterana de Guarita, há alguns anos atrás. É um professor bilíngüe que também ajuda na tradução das pregações do pastor, durante os cultos, que ocorrem aos domingos, numa igreja-capela construída pela comunidade. Os Kaingáng normalmente se reúnem três vezes por semana, uma delas nas casas onde fazem reuniões de canto e oração.

Natalino escreveu: *Antigamente os índios não entendiam o que é Jesus Cristo e não tinham índios que entendia a palavra de Deus para explicar para aqueles que não entendia, mas agora tem alguns índios que tenta pescar pessoas para carregar a cruz juntos. Isso nós agradecemos por aquelas pessoas que Deus fez dar entendimento para nós índios, e no mesmo tempo agradecemos a Jesus que está sempre com todos nós. Mas nós não sabemos quem está praticando a palavra de Deus. Jesus saberá quem está praticando a palavra dele no último dia.*

É um trecho pequeno, mas muito rico, pois a gente pode perceber várias coisas nesse depoimento. Primeiro, pode-se observar a influência do tipo de evangelização que ele conheceu, mas ao mesmo tempo já mostra que não está simplesmente repetindo o que ouviu. Ele está reelaborando essa compreensão de fé na palavra de Deus. Por exemplo, ele afirma que para os índios é importante pescar pessoas "para carregar a cruz juntos". Por que? Ora, esta comunidade vive numa situação de grande opressão, tanto interna como externa. Há muita violência contra os indígenas, a sua

área está totalmente cercada por granjeiros ricos e poderosos que cobiçam as férteis terras indígenas e plantam nela, pagando arrendamento às lideranças que não defendem os interesses de todo o povo. Entre estes arrendatários estão pessoas como prefeitos, os proprietários mais importantes, médicos, todos cristãos. Isto acontece já há mais de 30 anos, e os problemas de sobrevivência da comunidade indígena só fazem agravar sempre mais. Para manter esta situação, as lideranças instituíram internamente um esquema repressivo com autoridades, segundo um padrão militar com tenentes, capitães, sargentos, cabos e soldados. Mediante tal esquema a comunidade fica sob controle quase total das lideranças, o que gera um clima de permanente insegurança e violência arbitrária na área. Às vezes, por qualquer infração uma pessoa pode ir para a cadeia e até sofrer sob tortura.

Em Guarita vivem mais de 4000 pessoas. Algumas famílias trabalham fora porque não tem sequer terra para plantar uma roça. Guarita é a maior área indígena no sul do país, uma área importante pois quase metade ainda está coberta por mata nativa, o que aguça o interesse das madeireiras da região que vivem retirando madeira clandestinamente de lá, com a conivência das autoridades indígenas.

Quando a Missão se posicionou contra toda esta situação, não foi muito bem vista pelo cacique geral que estava no poder, e muito menos pela FUNAI, tendo sido expulsa da área indígena, em 1985, após vinte e cinco anos de presença missionária. Desde então, o trabalho continua a partir de fora da área, principalmente através de visitas e um trabalho organizativo, além do acompanhamento à comunidade indígena luterana (cultos).

Acho que toda esta situação está por detrás daquele “carregar a cruz juntos”. A cruz de Cristo identifica-se com a cruz de todos os dias vivida pelos Kaingáng. Natalino agradece pelas pessoas que levaram a mensagem de Jesus para eles. Porque esta mensagem, de alguma maneira, os liberta, os ajuda a enfrentar a vida como ela é, os revigora e faz sonhar. Mas ao agradecer, ele mostra uma arguta percepção indígena. Pois agradece, ao mesmo tempo, ao próprio Jesus, pois ele sim, “está todo tempo com todos nós”. Olhem aí. O missionário é uma ótima pessoa, foi muito legal, pois trouxe a palavra de Deus para nós, mas ele não está sempre conosco. O missionário gosta de ir para a cidade, tira férias, quem não é brasileiro acaba voltando para a sua terra, quer dizer, ele vai embora e a gente fica aqui carregando a nossa cruz. Então, quem é que fica mesmo com a gente? Quem é que tem valor maior para nós? É Jesus, porque Jesus fica com a gente. Acho que ele está querendo dizer isto. E, a meu ver, ele vai mais longe ainda nessa fala. Pois ele diz assim: “Mas nós não sabemos quem está praticando a palavra de Deus”. Ora, Natalino pode estar se referindo a seus co-irmãos e irmãs, a ele próprio, mas pode também estar dizendo outra coisa. Essas pessoas que nos ajudaram, será que elas estão praticando a palavra de Deus? Jesus saberá quem está praticando a sua palavra no último dia. Acho incrível essa fala do Natalino, porque ele deixa em aberto o juízo, a história fica em aberto e não fechada mediante uma posição indiscutível. Não interessa aqui discutir a questão do juízo final. Mas, o que cabe realçar, é este fato de o indígena questionar também o missionário, pois nenhum missionário pode dizer cabalmente que está praticando a palavra de Deus. Esta será sempre interpelação, chamamento para que sejamos fiéis ao Deus que fala e salva o seu povo.

Estou escrevendo um trabalho sobre esta experiência missionária e quando descobri este texto eu disse: Tenho que abrir o meu trabalho com este depoimento. Pois ele mostra que os indígenas não são meros recipientes vazios a espera de que os salvadores de fora venham preenchê-los com suas falas sagradas. Eles demonstram uma capacidade de reflexão própria e uma criatividade muito grandes, a ponto de reverterem para os próprios missionários a mensagem que ouviram. Nesse sentido, está correta a teologia da libertação quando diz que são os pobres, os oprimidos, os pequeninos, os sem poder, os negros, as mulheres, as crianças, os indígenas que hoje nos evangelizam. Natalino mostra que eles assumiram a fé cristã com seu jeito próprio e com uma certa manha. Aparentemente, você não acha que isto seria possível porque com tanta opressão,

com tanto preconceito, todo mundo dizendo que os índios não sabem trabalhar a terra, que eles são preguiçosos e outros absurdos do gênero, a gente não esperaria esse tipo de consciência. Mas fato é que ela está presente. E é uma consciência vinculada à palavra de Deus, por sinal um fruto da reforma de Lutero, uma consciência protestante, enfim. E mais, não se trata de uma consciência individual, mas comunitária, pois Natalino diz isto porque ele fala em nome e junto com seus irmãos e irmãs com quem está lendo e interpretando a palavra de Deus. Este é um belo exemplo de como, na América Latina, a teologia surge como fruto da vivência da fé, como expressão da vida e da experiência comunitária da leitura, da pregação e da celebração da palavra de Deus.

Vamos ao terceiro exemplo.

Leitura latino-americana a partir da ótica indígena

Faço referência aqui a um texto belíssimo de Elsa Tamez, publicado neste mês de novembro num livro editado por mim, sob o título **500 anos de invasão - 500 anos de resistência** (São Paulo/Rio de Janeiro, Paulinas/CEDI, 1992). Tamez é uma biblista da Costa Rica, e tem feito inúmeros trabalhos no campo da releitura bíblica latino-americana. Nesse texto “Quetzalcóatl e o Deus cristão - Aliança e luta de deuses”, ela estuda a teologia pré-colombiana, a teologia dos Astecas e tenta estabelecer pontes, comparações entre a teologia asteca e a teologia cristã. De forma surpreendente, ela encontrou muitas semelhanças e muitas divergências. Semelhanças no sentido de descobrir que na teologia indígena pré-colombiana, pré-cristã, portanto, há muito de bíblico, há muita percepção que confere exatamente com a mensagem bíblica. E da mesma forma como na Bíblia encontramos toda uma discussão que mostra os desvios do povo de Deus, Tamez também encontrou a mesma experiência na teologia indígena asteca. É por isso que o subtítulo do artigo fala em luta de deuses. Ela descobriu, por exemplo, que quando se fala da teologia asteca como fundamentada nos sacrifícios humanos, no sacrifício de vítimas de guerra como forma de atender aos deuses do panteão asteca, a coisa não é bem assim. Houve, na verdade, uma luta de deuses, uma luta entre os sacerdotes astecas, na qual venceu Huitzilopochtli, o deus que exigia sacrifícios humanos. Ele era o deus da camada dominante quando os espanhóis chegaram ao México. Quer dizer, a elite que dominava o povo asteca conseguiu fazer prevalecer a sua teologia, corporificada no deus da guerra, Huitzilopochtli, que era reverenciado como responsável pela vitória dos Astecas quando este povo tomou posse da península do Yucatan. É muito conhecida na América Latina aquela história de que conduzia-se a vítima até o altar do deus, onde ela era sacrificada e se retirava do seu peito o coração ainda quente. Elsa Tamez mostrou que essa é apenas uma parte da história. A outra era a religião do povo que não conseguira prevalecer diante da força da camada dominante. Neste caso, quem era reverenciado era Quetzalcóatl, representado pela águia. Em contrapartida ao primeiro, Quetzalcóatl era um deus misericordioso. Pois foi ele que se sacrificou para que o povo pudesse viver. Aliás, na história da origem do povo Asteca, este deus se sacrificou, ele chegou a derramar seu sangue para que o povo pudesse viver. Quer dizer, há muitos paralelos com a mensagem bíblica, por exemplo, a própria experiência de Jesus que se sacrifica para que o seu povo seja salvo.

Em seguida, Tamez faz um estudo da Carta aos Romanos, exercitando uma releitura dos primeiros capítulos, pois estes sempre foram usados na missiologia latino-americana para mostrar como o deus dos outros, a religião dos outros era presa do demônio. Daí a razão dos missionários lutarem para suprimi-la para que, então, a verdade do Deus cristão, a verdade de Jesus Cristo, prevalecesse. Ela mostra que pode ser feita uma outra interpretação da Carta aos Romanos, uma leitura na qual Paulo fala da revelação universal de Deus. Ela mostra que, de fato, é possível que todos os povos captem, compreendam e vivam essa revelação. Revelação que se manifesta sobretudo na vida dos povos em diferentes culturas.

Agora, aceitar outras interpretações como esta de Elsa Tamez, significa abrir mão de um conceito de missão de mão única, pelo qual só há um caminho e este é o indígena ser reduzido ao nosso modo de crer, à nossa fé. Se se aceita a revelação de Deus como uma revelação universal e que acontece de diferentes formas, alguma coisa deve ser acolhida. A gente poderia dizer, guardadas as proporções e as diferenças, que se trata do mesmo que fizemos aqui ontem à noite com o estudo de Oséias 11. A vivência da fé dos outros povos deveria ser importante para nós. A gente não deveria descartá-la como algo demoníaco, por exemplo. Tamez está contestando toda uma visão missionária marcada pelo etnocentrismo, pelo eclesiocentrismo e pela demonização dos outros e de suas religiões. Essa é a terceira maneira de como fazer a releitura bíblica no confronto com os povos indígenas. Quem quiser pesquisar mais, poderá ler o número 11 da RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana).

Leitura indigenista da Bíblia

Inicialmente, uma distinção. É freqüente a confusão que se faz entre indígena e indigenista. Indígena seria a leitura feita por um indígena como mostrei acima no exemplo de Natalino. Indigenista é o trabalho de pessoas da sociedade ou das igrejas que assumiram a causa indígena, se solidarizam com suas lutas e propõem uma nova leitura bíblica que ajude a aprofundar este novo compromisso, visto sob a perspectiva da vivência da fé cristã. São pessoas, grupos e setores das nossas igrejas que decidiram colaborar na luta de libertação dos povos indígenas e se tornam seus aliados estratégicos.

O que temos descoberto nessa caminhada junto aos povos indígenas tem-se mostrado muito importante porque nos tem ajudado a perceber com novos olhos o chamamento de Jesus ao discipulado. Percebemos que esta luta ao lado dos povos indígenas pode ser uma proposta de vida para que eles tenham vida abundante. A releitura bíblica é decorrência desse novo compromisso porque as leituras anteriores (colonialista e fundamentalista) não servem, pois se tornaram cúmplices da morte dos povos indígenas.

Nessa releitura, a nossa atenção recai sobre outros textos, que até então não tinham sido lidos numa perspectiva missionário-libertadora. A missão do século 19 fundamentou-se praticamente num único texto, Mateus 28,18-20 (e seu paralelo em Marcos 16,15-16), onde Jesus fala da Grande Comissão. Sem grandes discussões teológicas, missão era ir a todos os lugares, fazer discípulos e batizar em nome do Deus Triúno. Como resultado, se formaram igrejas novas. A questão é que este tipo de missão aliada ao empreendimento neocolonial entrou em crise, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Com os movimentos de libertação nacional, a independência das ex-colônias, as igrejas nacionais no Terceiro Mundo passaram a interferir no debate missionário.

Com isso, uma nova compreensão da tarefa missionária começou a se esboçar. Missão tem a ver com a realidade do Reino de Deus e sua justiça (Mateus 6,33). Esta tríade missão- evangelização-justiça marcou a nova concepção que expressava, no fundo, um novo engajamento dos cristãos em favor dos pobres e dos povos oprimidos. A leitura anterior nos legou uma interpretação viciada do texto da Grande Comissão, que entendia a missão de um ponto de vista eclesiocêntrico e de mão única. Foi necessário reler o texto bíblico para superar esta visão. E então se chegou a redescobrir verdadeiras jóias, tesouros que andavam escondidos aos nossos olhos. Vou citar um exemplo para ilustrar.

Num dos últimos documentos lançados pelo Conselho de Missão entre Índios (COMIN), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em comemoração aos dez anos desse Conselho, o texto bíblico citado para a conclusão encontra-se em Ezequiel 37,1-10. Para nós que trabalhamos ao lado dos povos indígenas, foi muito importante redescobrir um texto profético como este. Pois nós lidamos com povos praticamente exterminados, povos que se encontravam no buraco da

morte. A estes povos o profeta anuncia que o Espírito do Senhor que vem dos quatro ventos, virá para levantar um vale de ossos secos. Já aí temos uma teologia dos espíritos muito próxima das teologias indígenas. Pois bem, desses ossos secos, o Espírito que vem dos quatro ventos irá fazer ressurgir um povo. Para nós, isso significou que a ressurreição é a mensagem, talvez a única que, verdadeiramente, interesse aos povos indígenas. Porque eles foram mortos e o Deus da vida os quer vivos outra vez. E desta feita, para uma vida nova, que não tem fim.

A ressurreição, numa perspectiva cristã, não acontece apenas no fim, na escatologia. Ao contrário, ela é uma experiência presente, cotidiana, poderíamos dizer. Para os povos indígenas isto quer dizer que nas suas lutas eles contam com o auxílio do Espírito que vivifica os mortos. E vão ressurgindo como que das cinzas das fogueiras dos conquistadores de ontem e de hoje. Vão reconstruindo sua história e suas esperanças. Assim, ascendem à existência histórica, vão ganhando rosto e configuração, passam a ser reconhecidos e, a duras penas, ouvidos.

Quando vivi no Acre, no início dos anos oitenta, não fazia muito que a FUNAI e o Governo do Estado haviam reconhecido a existência de inúmeras tribos. Até 1975, essas tribos eram consideradas extintas. Os índios eram confundidos com os caboclos ribeirinhos, sem identidade e história próprias. Hoje se sabe que sobreviveram às frentes pioneiras do século passado pelo menos 15 povos indígenas, que estão num processo de recuperação de suas terras e de sua identidade.

Quer dizer, após ter sido declarada a sua morte, eles ressurgiram no cenário regional e estão atualmente num franco processo de reconstrução étnica e social.

O movimento recente da aliança dos povos da floresta, que expressa a união desses povos com outros setores marginalizados da sociedade amazônica, ainda que sujeito a inúmeros problemas, representou um avanço extraordinário na capacidade dos oprimidos se unirem para mudarem os rumos de sua história. É claro que tal mudança jamais acontecerá como num passe de mágica. Mas seguramente ela nunca acontecerá se passos como este deixarem de ser dados e alentados. E estes fatos têm muito a ver com aquilo que o Espírito que vem dos quatro ventos realiza no mundo.

Para encerrar, entendo que estes povos também têm uma mensagem a nos oferecer. E esta, por vezes, está mais próxima da mensagem bíblica que nossos sermões dominicais. Quando lhes daremos ouvidos? Ou também somos daqueles que dizem: "E de Belém, pode vir alguma coisa boa?"

Para uma continuidade e aprofundamento deste tema, sugerimos a leitura do livro "500 anos de invasão - 500 anos de resistência", organizado por Roberto Zwetsch, São Paulo/Rio de Janeiro, Edições Paulinas/CEDI, 1992.

Atenção especial para o artigo "Quetzalcóatl e o Deus Cristão - Aliança e luta de deuses", de Elza Tamez.

Roberto E. Zwetsch é pastor luterano, mestrando em Missiologia, na Faculdade Nossa Senhora de Assunção, em São Paulo, e integrou até dezembro de 1992 o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

Endereço: A/C. Escola Superior de Teologia
Caixa Postal, 14
93001-970 São Leopoldo RS

“Da argila, à nossa expressão - oração”

Relato resumido da Celebração final do Encontro

Jane Falconi F. Vaz

Como preparação para a celebração, fizemos um exercício utilizando argila.

O objetivo era expressar através do trabalho de nossas mãos, tudo o que havia significado o Encontro mas também, tudo o que se passava dentro de nós e que refletia nossas experiências de fé, familiares, afetivas, não importando se enfatizássemos o momento presente ou lembranças de nossa infância ou adolescência.

Todas as pessoas do grupo se colocaram informalmente, no espaço ao redor, no próprio chão, para preparar seu “projeto na argila”.

Surgiram trabalhos muito bonitos, alguns bastante artísticos, outros mais simples. Porém, o mais importante foi perceber que para todos(as), estava expresso ali, algo muito significativo em suas vidas.

O exercício feito com seriedade e carinho revelou a sensibilidade e a presença do Espírito do Senhor.

Depois, quando da celebração, propriamente dita, cada um ofereceu a Deus o símbolo de seu trabalho e de sua vida, expressando verbalmente o que tinha feito na argila e a razão/emoção de tê-lo feito.

Houve muita comunhão nesses momentos. Emoção.

À medida em que cantávamos e orávamos nos integramos como um grupo que de fato compartilhou suas experiências.

Ao final, comemos pão e bebemos vinho, em memória de Jesus, irmão, amigo e incentivador de nossa caminhada!

Seguiram-se os abraços, os beijos e a esperança de levar adiante o projeto de Vida à qual nos impele o Reino.